

Desbravando caminhos



Perfil

Tereza Cristina: nova ministra da Agricultura defende a cooperação no campo

Três Poderes

Conheça as propostas do cooperativismo para o próximo governo

Sementes

O poder da união das mulheres produtoras de café

POR QUE SUA
COOPERATIVA
PRECISA DE
UM SISTEMA
SINDICAL
FORTE?



COM UM SINDICATO FORTE, O COOPERATIVISMO VAI MUITO MAIS LONGE

Conheça tudo o que o Sistema Sindical Cooperativista pode oferecer para sua cooperativa. Baixe o folder que preparamos especialmente para tirar as suas dúvidas ou solicite o mesmo ao seu sindicato.



Para fazer o download do folder basta escanear o QR code ao lado.



Acompanhe os vídeos sobre o Sistema Sindical Cooperativista no YouTube.
youtube.com/sistemaocb



CNCOOP

Confederação Nacional
das Cooperativas

Números
desta edição

19

cooperativas
foram citadas nesta revista. Juntas elas abrangem as cinco regiões do Brasil e outros três países: Estados Unidos, Colômbia e Portugal.

8

ramos do cooperativismo
estão representados:

- . Agronegócio
- . Crédito
- . Educacional
- . Mineral
- . Produção
- . Saúde
- . Trabalho
- . Transportes

COMO ACESSAR OS RECURSOS MULTIMÍDIA



Tendo o aplicativo QR Code instalado em seu celular, basta abri-lo e direcionar a câmera do aparelho em direção ao código. Escaneie e espere o aplicativo direcioná-lo para o conteúdo do código.

Retrospectiva, não! Novos planos

EDITORIAL

Amigo cooperativista,

É hora de olhar pra frente! Em janeiro, um novo presidente e seus ministros tomarão posse. Entre eles está Tereza Cristina, futura ministra da Agricultura que entende a importância do cooperativismo para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Ela falou conosco, com exclusividade, sobre os desafios que a esperam à frente da pasta. Questionada sobre o que planeja para as cooperativas, destacou: “Hoje, as cooperativas têm um papel pujante no crescimento econômico e social do país com enorme representatividade no Congresso Nacional. Para o campo, elas também são o motor do progresso. Promovem oportunidade, geram renda e desenvolvimento sustentável”.

Para nós, cooperativistas, palavras como as de Tereza Cristina são uma motivação a mais para trabalharmos, juntos, pela construção de um Brasil mais forte e mais sustentável. E não apenas no campo, já que as cooperativas também estão presentes, e com cada vez mais força, nas grandes cidades. Hoje, o DNA da cooperação já faz parte das vidas de milhares de brasileiros que confiam suas economias, sua saúde, a educação de seus filhos e a criação de novos produtos e serviços às nossas cooperativas.

Também em 2019, no mês de fevereiro, começa uma nova legislatura no Congresso Nacional. E com ela, novas oportunidades de atuação para a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop). Queremos estreitar ainda mais nossos laços com deputados e senadores para garantir que a pauta cooperativista tenha o merecido destaque nessas Casas. E um pouco do que já temos feito nesse sentido pode ser visto na matéria *Novos Rumos na Política*.

Outro propósito para o ano que começa é a aproximação com os membros do Poder Judiciário. Afinal, sabemos que — como entidade de representação, defesa e desenvolvimento das cooperativas brasileiras — precisamos manter um bom diálogo com os Três Poderes da República.

Esta edição traz, ainda, uma matéria especial sobre a força das mulheres cafeicultoras que, no Espírito Santo, se uniram para criar uma marca de conilon 100% feminina: a Póde Mulheres, café especial que já conta com o recém-lançado carimbo SomosCoop — mais um projeto da Casa do Cooperativismo criado para fortalecer nosso movimento e aumentar ainda mais, em cada um de nós, o orgulho de ser cooperativista.

Aproveite esse espaço, também, para desejar um Feliz 2019 para você, para seus familiares e para todos os cooperados e colaboradores da sua cooperativa.

Boa leitura!

MÁRCIO LOPES DE FREITAS
Presidente do Sistema OCB

SESCOOP CONSELHO NACIONAL

- Márcio Lopes de Freitas – presidente

REPRESENTANTES OCB

Região Centro-Oeste

- Celso Ramos Régis – titular
- Remy Gorga Neto – suplente

Regiões Norte e Nordeste

- Ricardo Benedito Khouri – titular
- Malaquias Ancelmo de Oliveira – suplente

Região Sudeste

- Ronaldo Ernesto Scucato – titular
- Carlos André Santos de Oliveira – suplente

Região Sul

- Luiz Vicente Suzin – titular
- Leonardo Boesche – suplente

Conselheiros Representantes dos Empregados em Cooperativas

- João Edilson de Oliveira – titular
- Luizita Fonseca Leite Pina – suplente

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Najara Flauzino Ferro – titular

Ministério da Fazenda

- Alberto Alves Silva de Oliveira – titular
- Andréia Lúcia Araújo da Cruz de Carvalho – suplente

Previdência Social/Ministério da Fazenda

- Dênio Aparecido Ramos – titular
- Alex Pereira Freitas – suplente

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão

- Thais Barboza de Souza – titular
- Roberta Carolina Rios Bosco Soares – suplente

Ministério do Trabalho

- Natalino Oldakoski – titular
- Ricardo Costa Gonçalves – suplente

CONSELHO FISCAL DO SESCOOP

REPRESENTANTES DA OCB

- José Arilo Carneiro Pereira – titular
- André Pacelli Bezerra Viana – titular
- Ary Célio de Oliveira – suplente
- Jeferson Adonias Smaniotto – suplente

Conselheiros representantes dos empregados em cooperativas

- Evaristo Lunz Gomes – titular

REPRESENTANTES DO EXECUTIVO

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

- Paula Lobo Ferreira de Assis – titular
- Thiago Vinícius Pinheiro da Silva – suplente

Ministério da Fazenda

- Ricardo da Costa Nunes – titular
- Luciana Maria Rocha Moreira – suplente

Previdência Social/Ministério da Fazenda

- Benedito Adalberto Brunca – titular
- Emanuel de Araújo Dantas – suplente

SISTEMA OCB

No Brasil, o movimento cooperativista é representado oficialmente pelo Sistema OCB, composto por três entidades complementares entre si:

- ✓ **Confederação Nacional das Cooperativas (CNCoop)** – órgão de representação sindical das cooperativas, composto também por federações e sindicatos.
- ✓ **Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB)** – entidade representativa do cooperativismo no país, responsável pela promoção, pelo fomento e pela defesa do sistema cooperativista em todas as instâncias políticas e institucionais, no Brasil e no exterior.
- ✓ **Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop)** – integrante do Sistema S, responsável pela formação profissional, pela promoção social e pelo monitoramento das cooperativas.



A revista *Saber Cooperar* é uma publicação do Sistema OCB, realizada com recursos do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop) e distribuída gratuitamente em todo o Brasil.

Gerente de Comunicação:

Daniela Lemke

Conselho Editorial:

Fernando Ripari, Juliana Gomes de Carvalho, Karla Oliveira, Malaquias Ancelmo de Oliveira, Nelson Claro, Renato Nobile, Rosana Vargas, Samuel Zanello Milléo Filho e Tânia Zanella

Jornalista responsável: Gisele James

Colaboração: Gabriela Prado, Aurélio Prado

Projeto editorial: Farol Conteúdo Inteligente

Edição: Guaíra Flor

Projeto gráfico: Chica Magalhães

Reportagens: Fredson Charlson, Guaíra Flor, Juliana César Nunes, Kelly Ikuma Lillian Beraldo, Paula Andrade, Rita Frazão, Tchéréna Guimarães

Capa: foto de Túlio Thomé

Fotógrafos: Túlio Thomé, Flora Egécia, Guilherme Kardel, Murilo Karapetcové

Ilustrações: Kléber Salles

Revisão: Luciana Pereira

Impressão: Gráfica Coronário

Tiragem: 12 mil exemplares

Sistema OCB: Setor de Autarquias Sul – SAUS Qd. 4 Bloco "I" CEP 70070-936 – Brasília-DF (Brasil) – Telefone: +55 (61) 3217-2119. E-mail: revistasabercooperar@sescoop.coop.br

14^o CBC

CONGRESSO
BRASILEIRO DO
COOPERATIVISMO

8^A 10 | MAIO
2019

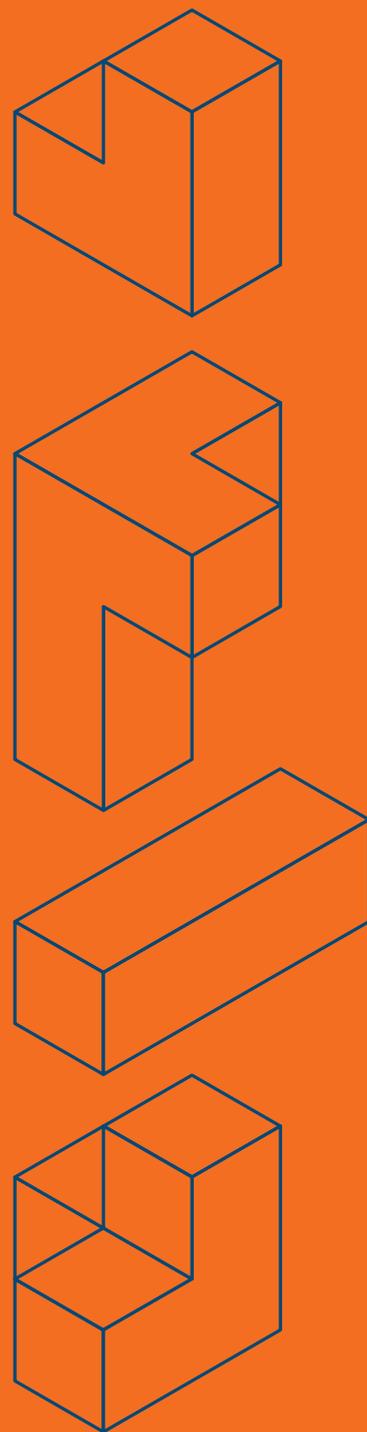
Venha construir o
futuro com a gente.

Em maio, temos um desafio: planejar e construir o futuro que queremos para o cooperativismo brasileiro. E você é parte importante dessa mudança. Acesse o site www.cbc.coop.br e fique por dentro de todas as etapas. Participe!

Local: Brasília, DF
Complexo Brasil 21

somos **CCOP**

 **Sistema OCB**
CNCOOP - OCB - SESCOOP



NESTA
Edição



8 *Acontece*



56 *Melhores Práticas*
PRÊMIO SOMOSCOOP



28

Sementes
O SABOR DO CUIDADO



14 *Três Poderes*
NOVOS RUMOS NA POLÍTICA



Perfil

TEREZA CRISTINA:
OS DESAFIOS DE UMA MINISTRA



Somos Coop

O COOP É POP



Inovação

INTERCÂMBIO NO
VALE DO SILÍCIO

36

52

Intercooperação

JUNTOS SOMOS MUITO
MAIS FORTES



10

Entrevista

O QUE VEM
PELA FRENTE?



51

Artigo

ROBERTO RODRIGUES:
OUTRO ANO NOVO



Corrente do bem

Acaba de ser divulgado o balanço parcial do Dia C — Dia de Cooperar 2018, programa de responsabilidade social do cooperativismo que mostra ao Brasil um pouco do que as cooperativas fazem diariamente para contribuir com o desenvolvimento sustentável. A edição deste ano tem como tema um valioso lembrete: “Atitudes simples movem o mundo”. Somando as ações realizadas desde o começo do ano até o fechamento desta edição, os resultados são:

921

cooperativas participantes do Dia C em 2018

1.358

projetos representados no evento

1.013

municípios alcançados

1,7 milhão

de brasileiros beneficiados

100.211

voluntários cooperativistas

O Dia C é organizado nacionalmente pelo Sistema OCB. Para acompanhar tudo o que acontece no programa, siga nosso site:

diac.somoscooperativismo.coop.br



Maio

8	T	Q	Q	8	8	D
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Coloque na agenda

De 8 a 10 de maio, acontece o 14º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC). O objetivo é planejar e construir o futuro que queremos para o cooperativismo brasileiro. E cada um de nós é parte dessa mudança. O evento será realizado em Brasília, no Complexo Brasil XXI, e debaterá temas como: governança cooperativista; intercooperação; inovação nos negócios e muito mais. Não perca!

Site para prospectar negócios

Sempre disposto a prospectar novas oportunidades de negócios para nossas cooperativas, o Sistema OCB lançou em novembro o portal Cooperativas nas Compras Públicas — plataforma digital criada para ajudar o cooperativismo a conquistar o maior e mais cobiçado cliente do Brasil: o governo. Todos os anos, os governos dos estados, dos municípios e da União compram aproximadamente R\$ 500 bilhões. Esse valor equivale a cerca de 15% do PIB Nacional. Uma oportunidade e tanto para nossas cooperativas, que já têm

o mais importante para conquistar esse cliente: preços competitivos e produtos/serviços de alta qualidade.

O novo site oferece um sistema automatizado de acompanhamento de todos os editais de compra lançados pelo governo, nos âmbitos municipal, estadual e nacional. Assim, sua cooperativa pode acompanhar, em tempo real, as oportunidades de venda para o governo, além de encontrar informações sobre como acessar esse mercado.



Conheça o site Cooperativas nas Compras Públicas. Abra o QR code que direciona para o site

www.somoscooperativismo.coop.br/compraspublicas/



Túlio Thomé

O melhor do Brasil

O melhor café conilon do Brasil tem a marca da cooperação. No último mês de novembro, **Luiz Cláudio Souza**, 63 anos, foi eleito o produtor desse grão, de sabor mais encorpado, durante a Semana Internacional do Café. O evento é considerado o principal da categoria acontece todos os anos, em Belo Horizonte (MG), desde 2013. Souza é vinculado à Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Espírito Santo (Cafesul) e produz conilon em

seu sítio, no município de Muqui (ES). “Espero que esse prêmio dê maior visibilidade para nosso café e abra portas para que o nosso conilon seja apreciado por mais brasileiros”, comemora. Para o presidente da Cafesul, Renato Theodoro, o prêmio recebido é fruto do intenso trabalho realizado pela cooperativa em favor da qualidade da produção de seus cooperados. “É uma satisfação enorme ver um de nossos cafeicultores premiados. A Cafesul está há oito anos realizando concursos internos para a premiação dos melhores cafés da região. Nosso propósito é apostar na produção de cafés especiais e de qualidade. Esse prêmio confirma que estamos no caminho certo”, explica.



Ênio Meinen
Diretor de Operações do Bancoob

Mauri Alex
Mestre em Administração
de Empresas pela FGV

O que
vem pela
frente?

PESQUISADORES DO
COOPERATIVISMO
FAZEM PREVISÕES
SOBRE OS PRINCIPAIS
DESAFIOS E AS
OPORTUNIDADES
PARA 2019. CONFIRA
E PREPARE-SE PARA
365 DIAS DE
FORTES EMOÇÕES

Paula Andrade

O ano que chega traz consigo inúmeras expectativas para todos os cidadãos brasileiros. Um novo governo e um novo Congresso Nacional tomarão posse, com propostas de mudanças e rupturas. Mas o que o setor cooperativista pode esperar para si?

Convidamos dois especialistas do nosso mercado para contarem suas perspectivas para o futuro do Brasil e das cooperativas brasileiras. De um lado, Ênio Meinen, diretor de operações do Banco Cooperativo do Brasil (Bancoob) e autor de diversos artigos e livros sobre cooperativismo financeiro – área na qual milita há 34 anos. Do outro, Mauri Alex de Barros Pimentel, mestre em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas, com formação superior em Administração de Cooperativas. Palestrante do ramo crédito, sua experiência profissional inclui atuação executiva em organizações como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop), a Unimed, a Petrobras e o Sicoob. Confira as previsões da dupla:

Diante do novo cenário político e econômico trazido pelas eleições de 2018, quais são as suas expectativas para as cooperativas em 2019?

Ênio Meinen: O cooperativismo deve manter a sua trajetória de ascensão, no campo e na cidade, em todos os setores de atuação. A geração de empregos, que têm crescido entre 5% e 10% nos últimos anos, e a ampliação do nível de renda continuarão tendo contribuição relevante das organizações cooperativas. Vale lembrar que o movimento, dada a sua alta resiliência, se fortalece em intervalos de crise e, com isso, emerge ainda mais forte por ocasião da retomada da dinâmica econômica.

Mauri Pimentel: O cooperativismo representa um importante instrumento de desenvolvimento e transformação empreendedora. Pesquisas mostram que regiões com a presença efetiva de cooperativas apresentam Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) melhor que as demais localidades. Em setores como o agronegócio, que representa mais de 20% do PIB do país, quase 50% de toda a produção do campo passa pelas cooperativas. Na saúde suplementar, o cooperativismo representa mais de 35% do market share do setor e, no Crédito, experimentamos um crescimento virtuoso, com um aumento do número de cooperados próximo de 200% nos últimos 10 anos e um saldo de mais de 92 bilhões em operações de crédito. Portanto, considerando a expressividade já apresentada, a velocidade de crescimento da

“Dependendo das políticas a serem implementadas pelo novo governo, poderemos experimentar impactos positivos ou negativos no cooperativismo brasileiro. Tudo vai depender de como vamos figurar na agenda estratégica do novo governo. Acredito que o Sistema OCB terá papel importante como referência representativa neste sentido”.

Mauri Pimentel

participação de mercado das cooperativas nos seus diversos setores e as perspectivas de recuperação da confiança internacional e economia local, acredito que as cooperativas brasileiras terão grandes oportunidades nos próximos anos.

Mudanças de governo afetam as cooperativas de alguma maneira? Por quê?

MP: Embora as sociedades cooperativas sejam instituições autônomas e independentes de interferência estatal, mudanças de governo afetam o mercado como um todo e o cooperativismo não está apartado disso. Dependendo das políticas a serem implementadas pelo novo governo, poderemos experimentar impactos positivos ou negativos no cooperativismo brasileiro. Tudo vai depender de como vamos figurar na agenda estratégica do novo governo. Acredito que o Sistema OCB terá papel importante como referência representativa nesse sentido. O fato é que, nos últimos anos, fomos capazes de demonstrar à sociedade brasileira o poder transformador e desenvolvimentista do cooperativismo, com destaque para o segmento de crédito, que vem ocupando papel protagonista na promoção da cidadania financeira dos brasileiros. Espero que o novo governo seja sensível a isso.

EM: A preocupação quanto a essa possibilidade já foi maior. Hoje as virtudes e a essencialidade das cooperativas já são bastante conhecidas. Não há como deixar à margem um setor que representa cerca de 11% de tudo que se produz no país, que responde por meio milhão de postos de trabalho e que gera divisas líquidas anuais de US\$ 5 bilhões. Além disso, e por isso, os governos estão vinculados à diretriz constitucional que determina apoio e estímulo ao cooperativismo (art. 174, § 2º, da Carta Magna). Em síntese, o fomento ao empreendedorismo cooperativo já não se situa mais no nível de programa de governo, mas de política de Estado.

É para a economia brasileira, quais são as perspectivas para os próximos anos?

EM: A expectativa é de que o novo governo inicie os seus dias dedicando-se intensamente ao processo de reformas estruturais que o país reivindica. Precisamos, sobretudo, sair da trajetória suicida de irresponsabilidade fiscal que, ao drenar riquezas excessivas para os cofres públicos e especuladores financeiros, impede investimentos e, com isso, adia o sonho de empreendedores, trabalhadores e aposentados quanto a dias melhores.

MP: Do ponto de vista econômico, o Brasil mostra claros sinais de recuperação, mas ainda muito tímidos perto do que a sociedade brasileira precisa e merece. O cenário político, entretanto, ainda me parece nebuloso, uma vez que o novo governo terá de construir suas alianças para garantir a governabilidade e aprovar as reformas para a estabilização econômica e redução do custo da máquina pública, que hoje é um dos maiores do mundo. O que se pode afirmar nesse momento é que o Brasil é um país de enorme potencial econômico, referência no continente latino americano, um dos principais países das chamadas Economias Emergentes (Brics) e tem pela frente um cenário aparentemente positivo no tocante à confiança do mercado internacional e oportunidades de crescimento interno. Dependendo da capacidade do novo governo de aprovar as reformas estruturantes e combater duramente a corrupção, poderemos experimentar dias bem melhores para os próximos anos.

Como as cooperativas podem ajudar o Brasil a retomar a rota do crescimento?

EM: As cooperativas podem ampliar o seu protagonismo como agentes de implementação de políticas oficiais, já que se tratam de empreendimentos próximos e conectados com grande parcela das pessoas e dos pequenos empreendedores destinatários do orçamento governamental. Sem reduzir a importância de outras

contribuições, independentemente do ramo, o cooperativismo financeiro tende a ampliar a participação no seu mercado, acentuando os benefícios relacionados à inclusão e à educação financeiras, à intensificação e à melhor distribuição do crédito e à redução dos spreads e das tarifas bancárias. Com essa promoção da justiça financeira, teremos mais cidadania, menos custos para as empresas e mais poupança. Por decorrência, mais recursos para investir. Em síntese, estamos falando de um autêntico círculo virtuoso.

MP: As palavras-chave são “empreendedorismo” e “inclusão”. O caráter aglutinador do cooperativismo propicia que pessoas antes alijadas dos meios de produção — muitas vezes à margem da economia ou exploradas por atravessadores ou players preocupados tão somente com o retorno financeiro de seus acionistas — possam ser inseridas nos sistemas de produção e consumo, por meio de uma alternativa empreendedora



que conjuga resultado econômico com justiça social. Na medida em que mais pessoas sejam devidamente incluídas na economia formal, teremos mais produção para alimentar os mercados interno e externo, mais geração de trabalho e emprego, melhor distribuição de renda, maior potencial consumidor no país e, conseqüentemente, mais recursos alimentando a economia. Desse modo, podemos encarar o cooperativismo como um importante propulsor do desenvolvimento, que devidamente estimulado, representa um ativo estratégico para o novo governo rumo à recuperação da economia nacional.

“O cooperativismo precisa qualificar a sua comunicação com a sociedade e os stakeholders. Hoje empregamos muito mais a linguagem de empresas convencionais – dando ênfase, por exemplo, a grandes números contábeis – nivelando-nos, temerariamente, a elas, em vez de jogar luz sobre os diferenciais ligados ao desenvolvimento econômico e à inclusão social.”

Ênio Meinen

Quais são os principais desafios internos e externos que as cooperativas brasileiras enfrentarão nos próximos anos?

MP: A tendência de estabilização econômica com consequentes controle do câmbio, redução da inflação e

taxas de juros mais baixas impõe às cooperativas a necessidade de investir em ações e políticas que favoreçam o aumento da eficiência, da eficácia e da efetividade na condução dos negócios. A meu ver, isso importará na implementação de boas práticas de governança (estrutura e poder), na disseminação da cultura do planejamento (estratégia e inovação) e no desenvolvimento sistemático da gestão (pessoas e processos). Somente a partir de investimentos consistentes nesse tripé as cooperativas poderão se manter competitivas e serão capazes de enfrentar adequadamente as intempéries do mercado global em que vivemos.

EM: As inovações tecnológicas certamente continuarão tendo lugar de destaque na agenda de desafios do setor cooperativo, o que exigirá investimentos ainda mais expressivos e desapego em relação aos atuais modelos operacionais. Ganhos de escala e estruturas de apoio eficientes (fazer mais com menos) também serão fatores cruciais para a sustentabilidade do movimento, uma vez que a concorrência trilhará percurso semelhante. Aqui, a propósito, a intercooperação surge como grande oportunidade e necessidade. É chegada a hora, portanto, de encurtar a distância entre o que pregamos e o que estamos fazendo!

Ainda no campo de influência dos líderes e executivos das cooperativas, há que se aprimorar a governança, incluindo a elaboração e aplicação de políticas consistentes de sucessão, pois a geração de pioneiros terá de passar o bastão para novos dirigentes. Por fim, e sem excluir outros temas, o cooperativismo precisa qualificar a sua comunicação com a sociedade e os

stakeholders. Hoje empregamos muito mais a linguagem de empresas convencionais – dando ênfase, por exemplo, a grandes números contábeis –, nivelando-nos temerariamente a elas, em vez de jogar luz sobre os diferenciais ligados ao desenvolvimento econômico e à inclusão social. Parece, até mesmo, que temos preconceito em relação ao que fazemos, justamente quando a população clama por um modelo de empresa que tenha o DNA cooperativo!

Em um cenário de fortes mudanças tecnológicas e alta competitividade, como as cooperativas podem equilibrar suas facetas econômica e social?

EM: Não há segredo. A tecnologia pode e deve ser utilizada para facilitar e qualificar a atuação da cooperativa.

MP: Na contramão do que muitos pensam, tecnologia e competitividade não são antagônicos ao empreendedorismo cooperativo. Ao contrário, devem estar a serviço dele assim como o estão em relação a outros empreendimentos de sucesso no mercado. O foco deve ser deslocado do “produto” para a “experiência do público alvo”. Não podemos perder de vista que o cooperado, razão de existência de todo o sistema cooperativo, assume o papel de dono, cliente e fornecedor, dependendo do momento em que está se relacionando com a cooperativa, e essa característica torna a gestão do empreendimento cooperativo significativamente mais complexa do que os demais modelos organizacionais. Portanto, mais uma vez é preciso reforçar a necessidade de profissionalizar a gestão das cooperativas com técnicos que, além dos conhecimentos em boas práticas de gestão e governança, sejam capazes de adaptá-los às nuances próprias do modelo empresarial cooperativo. O segredo do sucesso está, portanto, nas pessoas: naquelas que representam a propriedade (cooperados) e em igual importância nas que representam a gestão (executivos e colaboradores) e o amplo e profundo conhecimento destes sobre a essência do modelo empresarial cooperativo é questão de sobrevivência para essas organizações.

NOVOS RUMOS NA

Política

A PARTIR DE 2019, O BRASIL ESTARÁ SOB NOVO COMANDO. O CONGRESSO NACIONAL TAMBÉM MUDOU E ESTARÁ REPLETO DE NOVOS ROSTOS. NESSE CENÁRIO, AS COOPERATIVAS TÊM A OPORTUNIDADE ÍMPAR DE SE POSICIONAR COMO UM MOTOR PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO PAÍS

Meses antes de Jair Messias Bolsonaro (PSL) ser eleito presidente do Brasil, os principais líderes do cooperativismo brasileiro elaboraram o documento intitulado *Propostas para um Brasil Mais Cooperativo*.

O material – entregue às assessorias de todos os presidentes que disputaram as eleições 2018 – traz uma série de propostas defendidas pela base cooperativista. Falamos sobre a importância de estimular a geração de trabalho e renda por meio do empreendedorismo coletivo, da desburocratização e do estímulo ao desenvolvimento local, possibilitando a circulação de riquezas e serviços em cidades de todos os portes. Analisamos os desafios de uma política consistente de segurança alimentar. Mostramos por que é preciso criar um ambiente favorável ao empreendedorismo via cooperativas e como podemos contribuir para a construção de um futuro melhor para todos os brasileiros.

“Deixamos esse documento à disposição dos candidatos à Presidência da República, para criar um ambiente favorável ao diálogo com eles”, explica Fabíola Nader Motta, gerente de Relações Institucionais da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB). “Agora, com o novo governo definido, vamos continuar essa conversa com o presidente eleito e com os ministros indicados por ele, visto que nosso modelo de negócios tem plenas condições de ajudar o Brasil a crescer de forma responsável e sustentável.”

As propostas apresentadas pelas cooperativas brasileiras são uma construção coletiva que envolveu

1,3 mil lideranças cooperativistas. Juntas, elas representam os 13 ramos do cooperativismo nas 27 unidades estaduais. Mais: representam mais de 14 milhões de cooperados que fazem parte das 6.887 cooperativas brasileiras.

“Nosso foco central, hoje, é o reconhecimento da importância do cooperativismo. As instituições precisam conhecer o setor, entender o papel das cooperativas na agenda estratégica do país e o impacto positivo que geramos na sociedade”, explica Fabíola.

O cooperativismo é reconhecido pela Organização das Nações Unidas como o modelo de negócios que mais colabora com a superação de crises econômicas. “Nossa forma de empreender, construída em grupo e sem deixar ninguém para trás, é mais eficaz que o empreendedorismo individual em momentos de recessão”, explica a gerente de Relações Institucionais da OCB. Ela acrescenta que as cooperativas também são uma ótima forma de geração de trabalho e renda para a população.

Atualizar a imagem do cooperativismo é outro grande desafio do nosso sistema. Por isso, o documento *Propostas para um Brasil Mais Cooperativo* foi construído com a mesma linguagem do movimento SomosCoop, que busca despertar a consciência das pessoas para a importância do cooperativismo, adequando-as aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) em que as cooperativas podem ser protagonistas (veja quadro).



"Nosso modelo de negócios tem plenas condições de ajudar o Brasil a crescer de forma responsável e sustentável."

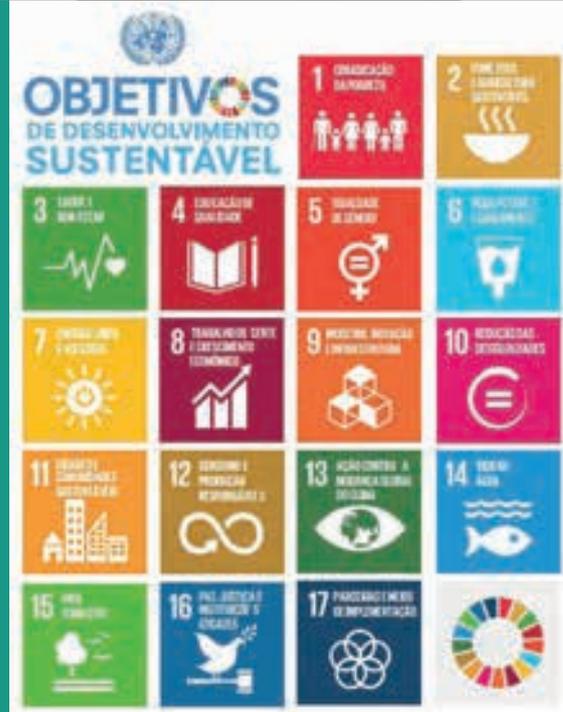
Fabiola Nader Motta, gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB.



Somos sustentáveis, SOMOSCOOP

As cooperativas brasileiras estão colaborando ativamente com o cumprimento da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável — plano de ação da Organização das Nações Unidas (ONU) para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade até o ano de 2030.

Na prática, por meio das ações do Dia C, nossas cooperativas demonstram como estão ajudando o Brasil a cumprir os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS). Um desafio grande, mas possível. Principalmente para quem já descobriu, como nós, que atitudes simples movem o mundo.



Conheça um pouco do que temos feito para promover o desenvolvimento sustentável do Brasil no site do programa social do cooperativismo, o Dia C

Por que o novo presidente precisa nos conhecer melhor?

“O cooperativismo é um motor capaz de alavancar o desenvolvimento do país”. A frase é de Emerson Masullo, cientista político e especialista em políticas públicas. “Tenho fortes convicções de que o governo de Jair Bolsonaro deve trazer na sua agenda econômica um diálogo permanente com o cooperativismo. É uma condição indispensável para reverter o cenário econômico atual e promover melhorias na geração de empregos e índices de produtividade, além de questões fiscais e trabalhistas.”

Masullo explica que o cooperativismo é uma forma de associativismo que possui um viés social muito importante. “As cooperativas trazem resultado econômico sem abrir mão do cuidado com a comunidade que as rodeiam. Essa é uma forma de organização que nenhum governo pode deixar de olhar”, acredita o cientista.

“O novo presidente está montando uma base de governo desenvolvimentista, que tem tudo a ver com o cooperativismo. Certamente, terá um diálogo constante e permanente com o setor”, considera Masullo.

A opinião do cientista político é compartilhada por quem vive, na prática, da cooperação. Derci Cenci é diretor-secretário da Cooperativa Agropecuária do DF (Coopa-DF), localizada na região administrativa do Paranoá, a 60 km do centro de Brasília. “O cooperativismo dá às pessoas a oportunidade de crescer de forma conjunta. Sozinhos não encontramos as oportunidades que o cooperativismo traz”, afirma.

A Coopa-DF foi criada em 1978, por famílias que vieram da Região Sul e tinham (e têm) o objetivo de trabalhar em conjunto no ramo agropecuário, embora cada um em sua área. “Chegamos em busca de trabalho e união, com o intuito de realizar um sonho que seria mais trabalho se fosse feito de maneira individual. Devagarinho, a Coopa-DF tornou-se menina-moça, debutou, casou-se e já é quase vovó”, conta Cenci.



Hoje, a Coopa-DF tem 156 associados. Cada produtor tem a sua área, a maioria com irrigação. Eles produzem trigo, soja, milho, feijão e grão-de-bico, entre outros produtos e hortaliças. A expectativa é grande em relação ao governo Bolsonaro. O presidente eleito, aliás, visitou, em maio, a famosa feira organizada pela cooperativa e incentivou os cooperados a continuarem no ramo. Ainda segundo Derci Cenci, ele estimulou-os a buscar investimentos em bancos cooperativos.

Sobre o novo presidente, Cenci é otimista: “ Ele nos visitou quando era candidato, o que mostra o interesse dele pelo cooperativismo. Queremos que ele conheça melhor o poder da cooperação”, explica o diretor-secretário da Coopa-DF.

A gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB vai além. Para ela, é necessário ampliar os canais de comunicação do cooperativismo com o Poder Público, confirmando o papel do Sistema OCB como um dos atores que devem ser ouvidos pelos órgãos governamentais nos processos de formulação de políticas públicas, regulamentos e legislações de interesse do setor. Afinal — como já mostramos nesta reportagem —, queremos e temos plenas condições de ajudar o Brasil a crescer.



Cooperativismo no Congresso

Um dos principais canais de representação e negociação para o cooperativismo é a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop) — grupo de deputados e senadores que defendem, no Congresso Nacional, os interesses das cooperativas brasileiras.

Na prática, esses parlamentares apresentam propostas de leis favoráveis ao cooperativismo, desenvolvem o diálogo com os poderes Executivo e Judiciário, e levantam a bandeira do movimento.

“As frentes parlamentares (conceito que inclui a Frencoop) têm uma forma de atuar própria dentro do Congresso Nacional”, explica Fabíola Nader Motta. “Elas possuem um poder político maior porque são formadas por grupos de parlamentares que, juntos, têm mais força para decidir uma votação.”

Para Emerson Masullo, o fato de o cooperativismo possuir uma frente parlamentar própria é muito importante para o desenvolvimento do setor. “Esse tipo de articulação política é fundamental quando se pretende desenvolver um tema de maneira sistêmica e orgânica. Nesse contexto, a Frencoop ajuda a fazer com que esse segmento siga pujante dentro da produção legislativa no Congresso Nacional”, defende o cientista político.

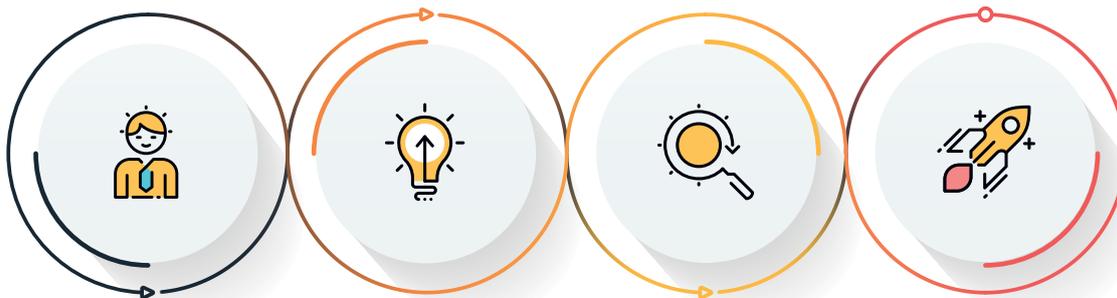
A gerente de Relações Institucionais do Sistema OCB concorda e destaca o papel estratégico da Casa do Cooperativismo no acompanhamento da pauta legislativa. Afinal, é a instituição que mantém os parlamentares da Frencoop atualizados sobre quais projetos de lei são positivos ou negativos para o desenvolvimento do cooperativismo.

“Buscamos manter um relacionamento bem próximo com os deputados e senadores da Frencoop. Justamente por isso, em 2017, o Sistema OCB foi lembrado pelos parlamentares como a terceira entidade com melhor relacionamento no Congresso Nacional. Uma performance que pretendemos manter ou melhorar na próxima legislatura”, completa Fabíola.

Nesta legislatura, a Frencoop contou com o apoio de 243 deputados e 36 senadores. Com a forte renovação política do Congresso Nacional (veja box), nossa frente parlamentar também passará por transformações. Por isso, o Sistema OCB já começou a conversar com os deputados e senadores eleitos ou reeleitos para sensibilizá-los sobre a importância de defender o cooperativismo na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Números

O Congresso Nacional vai iniciar um novo mandato, em fevereiro de 2019, com a mais alta taxa de renovação registrada desde as eleições de 1998. Confira:



De cada quatro senadores que tentaram a reeleição em 2018, três não obtiveram êxito. No total, das **54** vagas em disputa neste ano, **46** serão ocupadas por novos nomes — uma renovação de mais de **85%**

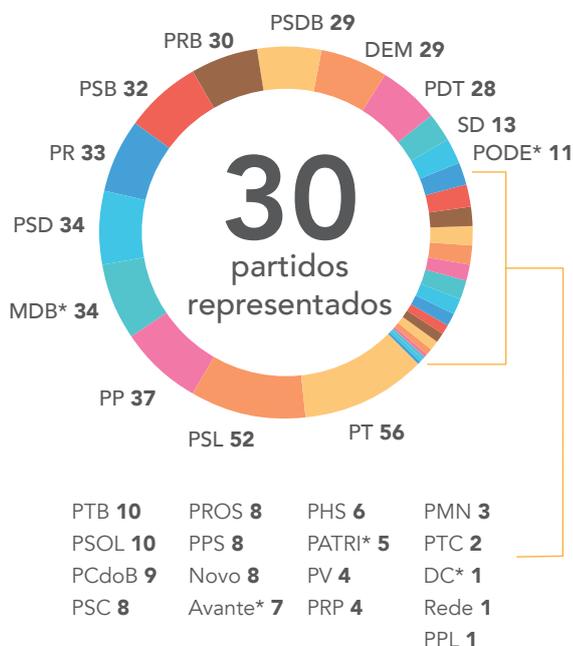
Pela primeira vez em duas décadas, os deputados reeleitos vão representar menos da metade das cadeiras da Casa, abrindo espaço para os novatos. Dos **513** deputados que tomarão posse no ano que vem, **251** foram reeleitos, o equivalente a **48,9%** do total

Dos **262** novos deputados, **243 (92,7%)** foram eleitos pela primeira vez e apenas **19 (7,3%)** foram parlamentares em legislaturas anteriores

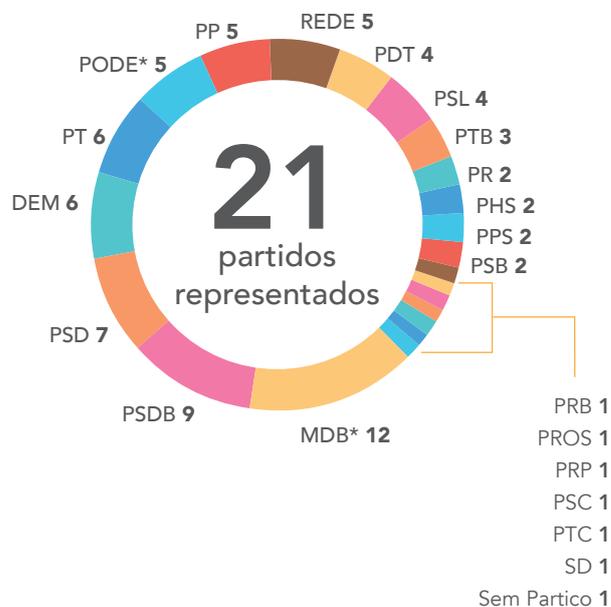
A bancada feminina cresceu, embora ainda seja muito menor que a masculina. Em 2019, teremos **77** deputadas (**15%** da Câmara) e **13** senadoras (**16%** do Senado);

Composição partidária da Câmara dos Deputados a partir de 2019

Distribuição de Cadeiras na Câmara dos Deputados
Composição de acordo com os resultados das eleições e a formação atual



Composição partidária do Senado Federal a partir de 2019



Nossas propostas para o próximo presidente

1. RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA ECONÔMICA E SOCIAL DAS COOPERATIVAS

Esperamos que o próximo governo busque fortalecer o papel do cooperativismo como parte da agenda estratégica do país, reconhecendo os diferenciais das sociedades cooperativas e seu alto impacto para o desenvolvimento de pessoas e comunidades. Isso não significa somente concordar com a sua importância, mas estimular que esse fator seja o propulsor de ações efetivas para dar maior competitividade às cooperativas, com destaque para a regulamentação do adequado tratamento tributário ao ato cooperativo.

Do que precisamos?

- ✓ De adequado tratamento tributário ao **ato cooperativo**
- ✓ De legislações e políticas públicas de apoio e estímulo ao cooperativismo
- ✓ De espaços de representatividade e de participação

2. COOPERATIVISMO COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO DO PAÍS

Destacamos a importância de propostas que valorizem o papel das cooperativas para combatermos a fome, alcançarmos a segurança alimentar e a melhoria da nutrição no Brasil e no mundo, por meio de uma produção agropecuária sustentável. Também consideramos fundamentais as políticas públicas que reforcem o papel das cooperativas na inclusão financeira, no desenvolvimento regional e na redução das desigualdades, bem como para superarmos os atuais desafios de transporte e logística de escoamento da produção brasileira, promovendo o desenvolvimento econômico e social do País.

Por que estamos trabalhando?

- ✓ Segurança alimentar, combate à fome e agregação de valor nas cadeias produtivas
- ✓ Inclusão financeira e desenvolvimento regional
- ✓ Transporte e logística de escoamento da produção
- ✓ Fortalecimento da pequena mineração

Denominam-se **atos cooperativos** aqueles praticados entre a cooperativa e seus associados, entre estes e aquelas, e pelas cooperativas entre si, quando associadas, para a consecução dos objetivos sociais. O ato cooperativo não implica operação de mercado nem contrato de compra e venda de produto ou mercadoria, portanto não pode ter o mesmo tratamento tributário que as operações convencionais de comércio.

3. COOPERATIVAS EM PROL DE CIDADES E COMUNIDADES MAIS SUSTENTÁVEIS

Destacamos diversas propostas de como as cooperativas podem contribuir, ainda mais, com o governo para prestar serviços de interesse público com maior dinamismo e eficiência, e foco na ampliação do atendimento de saúde da população brasileira, no acesso à energia de alta qualidade no campo e nas cidades, no avanço à educação inclusiva, equitativa e de qualidade e em diversos setores econômicos nos quais as cooperativas atuam com destaque.

Onde podemos ajudar?

- ✓ Acesso universal aos serviços de saúde
- ✓ Energia de qualidade no campo e nas cidades
- ✓ Educação inclusiva, equitativa e de qualidade
- ✓ Mobilidade urbana
- ✓ Aproveitamento do potencial turístico e de lazer
- ✓ Moradia própria e construção de unidades habitacionais

4. COOPERATIVISMO COMO PLATAFORMA DA ECONOMIA COLABORATIVA

Pensar o cooperativismo é também refletir sobre políticas públicas de incentivo às novas tendências de trabalhar em rede, conectar pessoas e colocá-las no centro das tomadas de decisão de seus próprios negócios, por meio do empreendedorismo coletivo e da autogestão. Assim, sugerimos ao governo propostas de apoio às cooperativas como opção sustentável para milhares de trabalhadores brasileiros contarem com melhores condições de inserção de seus produtos e serviços no mercado.

No que somos referência?

- ✓ Geração de emprego e renda por meio do empreendedorismo coletivo
- ✓ Comércio justo e acesso a produtos e serviços
- ✓ Inserção de cooperativas em novos mercados

5. CRIANDO BASES PARA UM PAÍS DO FUTURO

Uma parte significativa dos desafios para empreender no Brasil diz respeito à viabilização, por parte do governo, de um ambiente de negócios favorável aos investimentos. Nesse sentido, acreditamos serem fundamentais as medidas de simplificação tributária, responsabilidade fiscal, combate à corrupção, desburocratização das atividades econômicas e de retomada de investimentos em infraestrutura e logística, entre diversos outros desafios para a recondução econômica do país.

O que defendemos?

- ✓ Simplificação tributária e responsabilidade fiscal
- ✓ Desburocratização e melhoria do ambiente de negócios
- ✓ Qualificação profissional e promoção social
- ✓ Investimento em infraestrutura e logística
- ✓ Proteção e melhoria da qualidade do meio ambiente
- ✓ Estímulo a instituições eficazes, responsáveis e transparentes
- ✓ Segurança pública



CONHEÇA UM POUCO DA HISTÓRIA DA FUTURA MINISTRA DA AGRICULTURA E AS SUAS PRIORIDADES PARA A PASTA

Tereza

Cristina

OS DESAFIOS DE UMA MINISTRA

Tchérena Guimarães

“Um grande desafio”. É assim que a deputada federal Tereza Cristina (DEM-MS) avalia a sua próxima fase na política brasileira.

Em novembro deste ano, ela foi escolhida pelo presidente eleito Jair Bolsonaro (PSL) para estar à frente do Ministério da Agricultura do próximo governo. Honrada e feliz, a futura ministra conta a sua principal expectativa para a gestão que se inicia em janeiro de 2019: “Espero responder ao que o setor produtivo espera de mim.”

Tereza Cristina foi a primeira mulher confirmada por Jair Bolsonaro para os seus ministérios. “Quero reiterar a importância de ter [no Ministério da Agricultura] uma mulher guerreira que entende realmente do assunto”, disse Bolsonaro em um vídeo parabenizando a nova ministra. “Ela merece.”

O presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, João Martins, também comemorou a escolha. “A deputada sempre atuou na defesa dos produtores rurais brasileiros e agora terá condições de trabalhar ainda mais em benefício do setor”, destacou.

Indicada para o cargo pela Frente Parlamentar da Agricultura, seu nome foi um consenso. Para o deputado Marcos Montes (PSDB-MG), que também faz parte da Frente e acompanha o trabalho de Tereza Cristina há algum tempo, não poderia haver escolha mais certa: “Nós tínhamos vários perfis. Temos excepcionais parlamentares lá dentro. Mas, no pente-fino que fizemos lá, ela preenchia todos esses requisitos. Não havia pessoa mais adequada para assumir tal responsabilidade”, comemora.

Para o deputado, todos ficaram animados com a decisão. “Podemos ver a receptividade com que ela foi recebida em todos os meios. No meio parlamentar, não apenas na nossa Frente, mas em todas as bancadas. Ele também foi muito bem recebida pelos produtores rurais e pelo meio empresarial”, conclui.

Está no sangue

O prestígio político da nova ministra vem sendo construído há anos. Tereza começou a vida profissional muito jovem. A família já tinha um histórico no agronegócio em sua terra natal, Campo Grande (Mato Grosso do Sul). Visionária, ela quis continuar essa dedicação familiar e optou por cursar a faculdade de Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais. Logo que se formou, mudou-se para São Paulo e começou a colecionar um extenso currículo dedicado à área agrícola e ao setor de alimentos.

Determinada a cuidar dos negócios da família, decidiu voltar para Mato Grosso do Sul. Assumiu a administração, profissionalizou a gestão e segmentou os negócios. Para o deputado Marcos Montes, a determinação é um dos traços característicos de Tereza Cristina. “Conheço Tereza profissionalmente e pessoalmente. É uma mulher dura, mas serena. Uma mulher meiga, amiga e determinada”, conta.

O dinamismo e o comprometimento de Tereza Cristina foram sendo reconhecidos e ela passou a ser convidada para participar da diretoria de várias federações e associações que representam o setor agropecuário brasileiro.

“A dedicação à área pública sempre esteve presente em minha família”, conta a futura ministra. Ela é bisneta de Pedro Celestino Corrêa da Costa e neta de Fernando Corrêa da Costa, ex-governadores de Mato Grosso (quando o estado ainda não havia sido dividido).

Entre 2007 e 2014, ela assumiu a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agrário, Produção, Indústria, Comércio e Turismo de Mato Grosso do

Sul (Seprotur). Em sua gestão, houve importantes conquistas para o estado. Uma delas foi torná-lo livre da febre aftosa. A conquista foi reconhecida internacionalmente por meio da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE). Durante o período como secretária, a agricultura de Mato Grosso do Sul cresceu 12% ao ano. Em sete anos, o PIB do estado aumentou 152,42%. Os empregos na área industrial também dispararam: o aumento foi de 40,7%.

Após essa experiência, Tereza foi eleita deputada federal para o seu primeiro mandato pelo estado de Mato Grosso do Sul, entre os anos de 2015 e 2018. “Meu foco sempre foi o desenvolvimento do país”, afirma. Nesse período, continuou buscando melhorias para o setor agropecuário e para o seu estado. A busca, ela faz questão de enfatizar, sempre foi por legislações mais eficientes e justas. “Procuramos melhorias em questões fundamentais para o setor produtivo nacional, como o crédito rural, investimentos em política agrícola, renegociação de dívidas, o fortalecimento das relações comerciais, abertura de mercado para o Brasil, direito de propriedade, entre outras pautas”, explica.

Ela foi reeleita para a próxima legislatura, que vai de 2019 a 2022. Precisarão afastar-se do mandato para se dedicar ao Ministério da Agricultura.

Planos

O governo de transição precisa apresentar suas propostas à sociedade até 31 de dezembro de 2018. E é nisso que Tereza está trabalhando arduamente. “Podemos esperar um forte avanço na questão da infraestrutura, na segurança no campo e numa agenda de desburocratização”, afirma. “Algumas outras questões, como a tributária, dependem de negociações com os estados, mas espero que possamos avançar nessa área também.”



“O cooperativismo é também uma das principais garantias de renda de milhares de produtores rurais brasileiros”

Tereza Cristina

Sob o seu comando, o investimento em logística será uma das prioridades do Ministério da Agricultura. “Ferrovias, hidrovias e rodovias precisam participar do plano de transportes do governo federal. Isso vai ao encontro de um movimento para que as políticas públicas se tornem menos burocráticas, desiguais e ineficientes”. Outro ponto importante para a futura ministra será a questão da segurança jurídica. “Precisamos desestimular as invasões, e a melhor forma de fazer isso é garantindo as premissas básicas do Estado Democrático de Direito: o direito à propriedade, a execução de ordens judiciais, o respeito ao devido processo legal”, conclui.

O Mercosul é um tema polêmico e deve ser rediscutido para que os produtores brasileiros não sejam prejudicados. “Os investimentos em acordos bilaterais também são de suma importância, já que possibilitam que os produtos brasileiros tenham acesso aos melhores mercados. “A Ásia é o nosso alvo de abertura de mercado,” revela.

A questão tributária também está no topo das prioridades e deve ser um ponto de mudança em relação à gestão anterior. “Precisamos diminuir a carga de impostos e os custos tributários, com a simplificação das regras, a redução do número de impostos e unificação de alíquotas, para que se gaste menos tempo e dinheiro no processo de pagar impostos.” E isso envolve os produtores rurais também. “Além disso, os produtores rurais precisam de assistência técnica, de crédito. Precisamos de uma política de longo prazo para a produção agrícola no país.”

Cooperativismo

A futura ministra não tem dúvidas: o cooperativismo tem um papel fundamental para o avanço do Brasil. “Hoje as cooperativas têm um papel pujante no crescimento econômico e social do País com enorme representatividade no Congresso Nacional. Para o campo, elas também são o motor do progresso. Promovem oportunidade, geram renda e desenvolvimento sustentável”, conclui.

As cooperativas, fruto de relações com base em confiança e colaboração, são vitais para o setor agropecuário. É claro que, como em todos os setores da economia, melhorias são bem-vindas. “A prioridade em relação ao cooperativismo no Brasil deve ser o fortalecimento da assistência técnica, educacional e social aos cooperados”, prevê Tereza Cristina. “O cooperativismo é também uma das principais garantias de renda de milhares de produtores rurais brasileiros. Por isso, as cooperativas são protagonistas na produção de alimentos nacional e mundial, e na geração de trabalho e renda no país”, pontua.

Em sua gestão, Tereza Cristina pretende fortalecer o cooperativismo. “É preciso investir na modernização e na transferência de tecnologias, na assistência técnica como forma de desenvolvimento social e econômico, e para o crescimento das relações comerciais do país frente aos mercados internacionais.”

O SABOR do cuidado

COOPERATIVA DO ESPÍRITO SANTO LANÇA CAFÉ TOTALMENTE PRODUZIDO POR MULHERES. POR SER CULTIVADA E TORRADA COM MAIS DELICADEZA, A IGUARIA GANHA VALOR AGREGADO, GERA RENDA E AINDA AUMENTA A AUTOESTIMA DAS AGRICULTORAS DA REGIÃO

Texto: Rita Frazão / Fotos: Túlio Thomé

Em uma terra rodeada por montanhas, o sol brilha e aquece centenas de pés de café, que logo darão frutos. Ao mesmo tempo em que acalora a plantação, ele queima e marca a pele de cerca de 20 mulheres que zelam por um mar de pequenas sementes vermelhas. Elas serão colhidas quando estiverem maduras; em seguida, selecionadas, lavadas, ressecadas, novamente escolhidas a dedo; e finalmente torradas até virarem o Póde Mulheres — um café encorpado e de personalidade forte, como a de Arlete, Eliane e Maria José (algumas das cafeicultoras responsáveis pelo produto, 100% produzido por mãos femininas).

Mães, filhas, irmãs e amigas uniram-se para criar uma bebida de qualidade, que oferece uma experiência completa para quem a degusta. Quando o aroma do Póde Mulheres exala, é difícil resistir. A bebida quente, apetitosa e cheia de amor combina com o olfato e o paladar de quem aprecia o “pretinho” mais popular do mundo. E esse sabor especial tem sua razão de ser.



“O diferencial do nosso produto está no cuidado que as mulheres têm na seleção e na torra de cada grãozinho cultivado”, explica Natércia Vencioneck, gerente administrativa da Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Espírito Santo (Cafesul), localizada no município de Muqui, há 178 km de Vitória. Ela foi uma das idealizadoras do projeto Póde Mulheres, criado para enaltecer o café produzido pelas pequenas produtoras rurais da região.

A bebida produzida pelo grupo de agricultoras da Cafesul é feita a partir do café conilon (veja quadro da página 35), espécie de origem africana de intensidade mais forte. A planta cresce no formato de uma árvore ou um arbusto, podendo chegar a até 10 metros de altura. Durante o plantio e a replantagem, as produtoras seguem técnicas tradicionais de manejo. O segredo para ter um café diferenciado, segundo elas, está no pós-colheita. “É preciso saber selecionar os melhores grãos e levar para a lavagem no mesmo dia”, explica Maria José da Silva, 54 anos, uma das cafeicultoras beneficiadas com o projeto.

Maria José sempre foi agricultora e viveu nos campos. Com a família, aprendeu a apreciar, cultivar e separar os grãos de conilon. O amor pelo cafézal transborda em seus olhos e chega a deixar a voz trêmula — principalmente quando ela se lembra das palavras do pai em dias de colheita. “Ele sempre nos ensinou a só guardar o que era bom. Dizia para procurarmos o melhor e a deixar de lado o que não acrescentava”, recorda. O conselho, segundo ela, vale para o café e para vida.



Helen Lima, 48, fez uma capacitação cooperativista e descobriu que poderia viver do café

Valor agregado

Não são apenas o sabor e a qualidade do produto que atraem as pessoas para o Póde Mulheres. Hoje, o principal valor agregado do produto é o fato de ele incentivar e reconhecer a mão de obra feminina. “É animador participar de um projeto que incentiva tanto as mulheres. Essa ação me deixou mais feliz comigo mesma”

esclarece Eliane de Almeida, 42 anos, dona do rosto que estampa a embalagem do Póde Mulheres. Ao ver seus traços na embalagem pela primeira vez, a moça tímida e de mãos calejadas sorriu. “Me senti valorizada”, revela Eliane, que vive na zona rural de Muqui, e — estimulada pela Cafesul — passou a produzir queijos artesanais para combinar com a bebida quente.

Quem também não poupa elogios ao Póde Mulheres é a pedagoga Helen Lima, 48 anos. Nascida e criada em uma lavoura de conilon, encantou-se cedo com a vida na roça e, mesmo depois de formada, fez questão de continuar a mexer com a terra. No sítio onde

mora, em Muqui, ela e o esposo cultivam flores, pimentas e café. “Eu fazia mais por hobby, até que participei de uma capacitação da Cafesul e descobri que o meu sítio poderia ser uma empresa.”

Helen tornou-se cooperada da Cafesul em 2015. Desde então, aprendeu a administrar sua terra e a viabilizar o que é possível cultivar nela. Na próxima colheita, prevista para março de 2019, a expectativa é de aumentar a produção do café conilon. “Meu marido ficou desempregado e agora me ajuda no sítio. Hoje, é de lá que tiramos nossa renda”, diz, animada.



Eliane Almeida, 42: "Me sinto valorizada pela cooperativa"

Aprender para crescer

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável que a Cafesul ajuda a alcançar apenas com a marca Póde Mulheres:



Além de gerar trabalho e renda para as cooperadas, o Póde Mulheres está transformando o árduo trabalho no campo em prazer para as envolvidas. "O contato com a terra me deixa calma, me alegra. As meninas do grupo são como uma família. Eu não sei o que estaria fazendo se não estivesse aqui, com elas, com esse trabalho", declara Arlete Alves, 64 anos. Ela é uma das cooperadas premiadas pela Cafesul pela excelência de seu café.

Vale destacar: o nome Póde Mulheres é uma alusão não somente ao pó de café, mas ao poder do universo feminino. Afinal, com um pouco de incentivo, essas agricultoras têm conseguido transformar as vidas de suas famílias e de toda a comunidade. Justamente por isso, a Cafesul investe não apenas na comercialização do produto, mas na capacitação e na autoestima de suas cooperadas.

"A cooperativa tem sido muito importante em nossas vidas", reconhece Maria José. "Ela está sempre investindo na gente, e está sempre disposta a nos incentivar para o melhor".

Na avaliação do presidente da Cafesul, Renato Theodoro, a capacitação é a base de tudo para cooperativa. "Nós fazemos cursos, seminários, palestras. Temos parcerias com o Sistema OCB e também com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)", comenta.

Outro fator decisivo para o crescimento da cooperativa foi a conquista da certificação **Fairtrade (Comércio Justo)**, concedida por empresas de certificação especializadas. Para manter o selo, é preciso que a cooperativa cumpra com um cronograma social, ambiental e econômico junto aos cooperados, com programas de valorização do trabalho, das mulheres e da juventude, por exemplo. A certificação é renovada a cada três meses.

"O selo de Comércio Justo é uma forma de agregar ainda mais valor ao nosso produto, e ajuda a melhorar não só a renda do produtor, mas a condição de vida dele no campo", explica Theodoro.

Com concursos de qualidade internos sendo realizados periodicamente desde 2011, a Cafesul tem conseguido se destacar no mercado de café. O Póde Mulher, por exemplo, foi o produto vencedor de um concurso interno de qualidade, realizado em 2016. O projeto ganhou tanta força e deu tanto retorno para as mulheres envolvidas que terminou ganhando as ruas em 2018.

"Se eu pudesse fazer nosso café se multiplicar para suprir o Brasil inteiro, eu faria. Afinal, ele é cuidado com carinho e com muito amor. E o meu prazer seria esse: que um café produzido apenas por mulheres chegasse a todas as mesas para que o Brasil conhecesse o poder que vem das nossas mãos", diz a sonhadora Maria José, enquanto passeia pelos cafezais de Muqui.

O selo Fairtrade (Comércio Justo) reconhece a produção ética e sustentável de produtos e serviços. Ele assegura aos consumidores que os produtos adquiridos respeitem normas sociais, econômicas e ambientais justas para todos os envolvidos na cadeia produtiva. Hoje, o selo Fairtrade gera benefícios para mais de 1,2 milhão de famílias de agricultores em 70 países em desenvolvimento.

Você sabia?

Apesar de seu sabor marcante, o café conilon não é o mais consumido do Brasil. Aqui, os grãos do tipo arábica — mais doces e aromatizados — costumam ser mais apreciados. Entenda a diferença entre os grãos:

	CAFÉ CONILON	CAFÉ ARÁBICA
Origem	Congo e Guiné	Etiópia
Formato	Grão arredondado	Grão oval
Sabor	Marcante e amargo	Adocicado com leve acidez
Teor de açúcar	Entre 3 a 7%.	Entre 6 e 9%.
Teor de Cafeína	2,2%	1,2%



"O diferencial do nosso produto está no cuidado que as mulheres têm na seleção e na torra de cada grãozinho cultivado"

Natércia Vencioneck

A força das mulheres: (E) Eliane Almeida, Helen Lima, Ivone Carrari, Iria Bettero, Maria José da Silva, Arlete Alves e Natércia Vencioneck





*"É animador
participar de
um projeto que
incentiva tanto as
mulheres. Essa
ação me deixou
mais feliz comigo
mesma"*

Eliane de Almeida,
dona do rosto que estampa
a embalagem do Póde M





Lideranças cooperativistas em missão de prospecção tecnológica no Vale do Silício

INTERCÂMBIO NO *Vale do Silício*

COOPERATIVAS VÃO À MECA DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA EM BUSCA DAS ÚLTIMAS NOVIDADES PARA O MERCADO DE TRANSPORTE DE CARGA E PASSAGEIROS

“Não há concorrentes quando o objetivo é inovar. Enquanto no Brasil alguns segredos são guardados a sete chaves entre empresas, no Vale, o foco é ajudar a resolver problemas. Colaboração é algo que você sente em qualquer lugar [no Vale do Silício]”

Alexandre Pereira Ribeiro,
diretor presidente da Cooper Rádio Táxi de Santos

Lilian Beraldo

O mundo da mobilidade urbana mudou! Mas, em vez de nadar contra a maré da inovação, as cooperativas do ramo transporte decidiram “surfear” nessa nova onda. Dispostas a encontrar soluções criativas e inovadoras para manterem os negócios cada vez mais modernos e sustentáveis, 35 lideranças do setor embarcaram para uma missão de prospecção tecnológica no Vale do Silício, berço das empresas mais disruptivas do mundo.

Durante cinco dias, a delegação — composta por dirigentes de cooperativas de táxis, transporte de cargas, transporte coletivo de passageiros e transporte turístico — visitou startups, aceleradoras e instituições famosas, como o Google. O que eles viram mudou a cabeça do grupo. “É um choque e um impacto estar em uma estrada e ver um caminhão sem motorista”, exemplifica Clara Maffia, gerente técnica e econômica do Sistema OCB.

Segundo ela, na região há vários veículos autônomos em teste e a perspectiva é ter esse tipo de tecnologia de forma comercial em apenas três anos. “Quando vemos mudanças como essa acontecendo fica muito evidente que não

dá para ficarmos parados. Ou a gente inova, ou os negócios desandam”, destaca.

Para o diretor presidente da Cooper Rádio Táxi de Santos, Alexandre Pereira Ribeiro, que participou da viagem, foi um “verdadeiro nocaute” estar diante de jovens com 17, 18 anos dando verdadeiras aulas de gestão e empreendedorismo. “Eu, como sócio de uma grande empresa, sequer imaginei passar [aquelas lições] ao meu melhor funcionário.”

Ele mencionou o apoio à diversidade como característica-chave das empresas que querem transformar a vida das pessoas. “Assim como em uma sala de aula, quanto maiores as diferenças de classe, gênero, etnias, melhor. Pessoas iguais tomam decisões iguais. Empresas iguais tornam-se previsíveis”, defende.

Ribeiro aprendeu, ainda, que a cooperação e a colaboração são essenciais em um mundo conectado. “Não há concorrentes quando o objetivo é inovar. Enquanto no Brasil alguns segredos são guardados a sete chaves entre empresas, no Vale o foco é ajudar a resolver problemas. Colaboração é algo que você sente em qualquer lugar [no Vale do Silício]”, destaca.



OTTO

California



Agilidade

Ao voltarem para o Brasil, todos os integrantes da comitiva do ramo transporte chegaram à mesma conclusão: as cooperativas precisam se posicionar frente a um cenário de mudanças e a uma nova ordem mundial.

“Estamos diante de um mercado complexo, fora do controle, imprevisível, rápido e instável, e de um indivíduo cada dia mais conectado à rede, que acessa tudo e todos o tempo todo, mobiliza pessoas, cria hábitos, trabalha e produz conhecimentos sem precisar da aprovação das estruturas pesadas das instituições”, afirma o representante nacional do ramo transporte, Evaldo Matos.

Ele destacou, como exemplo, o surgimento de aplicativos de usuários de transporte que têm recebido aprovação do público consumidor pela eficiência, capilaridade, pelo preço e dinamismo.

Nesse cenário, Matos afirma que as cooperativas foram desafiadas a estabelecer as discussões a respeito de um projeto nacional que atenda o público consumidor conectado e também os cooperados.

“Uma ferramenta nacional, de propriedade e administração das cooperativas, podendo utilizar-se de protocolos, sites ou aplicativos para a comercialização de bens e serviços a partir de um grande movimento digital, respeitando nossos valores e princípios cooperativistas”, destacou Evaldo, que também é presidente da Federação das Cooperativas de Transporte de Cargas e Passageiros do Estado de Minas Gerais.

A missão ao Vale do Silício trouxe outra certeza aos cooperativistas: é preciso trabalhar a intercooperação, oferecendo aos clientes formas mais fáceis de contratação. A ideia é criar uma plataforma nacional que integre os diversos serviços prestados pelas cooperativas do ramo e que, ao mesmo tempo, seja mais simples para o usuário.

“Os clientes ou usuários de serviço de transporte não querem mais restrição local ou geográfica. Querem contratar de maneira mais fácil e amigável”, explica Clara Maffia.

Para que essa ideia saia do papel, ela destaca a importância do engajamento das cooperativas do setor. O Sistema OCB quer ser o fórum de diálogo e incentivo, mas a liderança e a iniciativa das cooperativas serão essenciais para o processo.

A partir de 2021, caminhões como esse, sem motoristas, começarão a circular nas estradas dos Estados Unidos.

“Tecnologia é a ponta do iceberg. É a parte mais fácil para ser resolvida. O mais complexo e desafiador é o processo efetivo de intercooperação, de compartilhar serviços e negócios entre cooperativas, fundamental para que o projeto tenha sentido e dê certo”, destaca a gestora.

Diagnóstico

O primeiro passo para a implantação de uma plataforma nacional já foi dado. O Sistema OCB lançou uma pesquisa para todas as cooperativas do ramo transporte buscando saber o que já existe de tecnologia na área, quem já tem aplicativo e/ou quem troca informações com outras cooperativas.

“Às vezes, a cooperativa já tem o seu aplicativo, mas isso não resolve o problema que a gente tem hoje”, afirma Clara.

O levantamento — previsto para dezembro — pretende chegar a um diagnóstico sobre qual é o melhor modelo e como desenvolver uma plataforma conjunta e cooperativa de contratação de serviços. De acordo com a



*“Tecnologia é a ponta do iceberg.
É a parte mais fácil para ser resolvida.
O mais complexo e desafiador é o
processo efetivo de intercooperação.”*

Clara Maffia,
gerente Técnica e Econômica do Sistema OCB

gerente, mais de 120 cooperativas responderam o questionário.

Segundo ela, no caso do transporte de passageiros, a demanda é uma reação ao que já existe (aplicativos como Uber e Cabify). Mas em relação ao transporte de cargas, a plataforma será uma oportunidade de antecipar-se.

Com os resultados em mãos, será a hora de elaborar um cronograma e as etapas para a construção da plataforma nacional. “Essa missão foi importante para termos em mente que a inovação tecnológica tem ocorrido em todo o mundo de forma real e em velocidade rápida”, explica o presidente da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo (Ocesp), Edivaldo Del Grande. Na avaliação dele, as cooperativas precisam estar atentas a essas mudanças para “sair na frente” e conseguir se preparar para os próximos anos. “A tecnologia é real, está aí. Mas ainda não sabemos até onde ela pode ir.”

Seremos diferentes. As mudanças serão grandes. Mas como? De que maneira? Como estaremos nos próximos 5 a 10 anos? Como faremos para sermos inseridos nesse processo? Ainda não temos todas essas respostas. Precisamos acompanhar, participar e não virar as costas para a evolução”, defende Del Grande.

2018: O ANO DA INOVAÇÃO

A cidade de São Paulo sediou em outubro o 5o seminário nacional do ramo transporte, com o tema Disrupção e Transporte: desafios para a gestão das cooperativas.

Com 180 participantes, o evento debateu o futuro do setor diante das inovações digitais, os diferenciais competitivos das cooperativas, as perspectivas dos clientes, a gestão empreendedora e as estratégias de atuação.

As palestras abordaram as mudanças tecnológicas no mundo e a rapidez com que elas acontecem. Segundo Clara Maffia, o evento foi uma oportunidade para consolidar a inovação como a temática principal do ano para o ramo de transportes.

No evento, as cooperativas de transporte debateram cenários e trataram de alternativas para que os negócios sobrevivam e tenham sustentabilidade diante de um mundo em constante transição.

CONHEÇA O VALE DO SILÍCIO

O Vale do Silício — localizado na Baía de São Francisco, na costa oeste dos Estados Unidos — é o maior polo de inovação do mundo. Além de ser lar das empresas mais disruptivas e famosas ao redor do globo — como Facebook, Apple e Google —, a região conta com a presença de duas das mais renomadas universidades do mundo: a Universidade de Stanford, em Stanford, e a Universidade da Califórnia, em Berkeley.

O Vale do Silício começou a se desenvolver nos anos 1950, quando empresas do campo científico e tecnológico migraram para a região com o objetivo de fomentar inovações em seus ramos. Essas instituições tiveram grande apoio do governo e foram essenciais durante a participação dos EUA na Segunda Guerra Mundial e nas corridas armamentista e espacial da Guerra Fria.

O nome Silício é utilizado como homenagem ao elemento químico (Si), matéria-prima básica e de fundamental importância na produção da maior parte dos circuitos e chips eletrônicos.

Conhecido por ser a Meca da inovação, o Vale do Silício não mede esforços nos quesitos reinvenção e viabilização de novas ideias — propostas que exigem muito conhecimento e investimento.

A



O COOP

é *pop*

11A

12



Naiara Leão

Nos últimos anos ele vestiu atrizes para o tapete vermelho de prêmios do cinema internacional. Esteve no Vaticano, onde foi elogiado pelo próprio papa Francisco. Participou do Prêmio Nobel da Paz. Fez até uma ponta em novela do horário nobre e firmou parceria com grandes nomes do design brasileiro. Poderíamos estar falando de algum artista, mas estamos falando de um velho conhecido: o cooperativismo.

“As cooperativas são inovadoras e criativas, e promovem uma matemática em que $1+1$ é igual a 3 ”, disse o papa Francisco no início de 2018 após encontro com dirigentes de cooperativas italianas. Na ocasião, ainda destacou como o cooperativismo transforma realidades sociais e combate práticas de mercado injustas. Mas essa não foi a primeira vez que Francisco mencionou o cooperativismo. Em 2015, associou o princípio da solidariedade – parte da doutrina social da Igreja Católica – com o trabalho das cooperativas e elogiou sua busca “pela relação entre economia e justiça social” observando “sempre a pessoa e não o

dinheiro”. Mais cedo, no mesmo ano, ele já havia afirmado que cooperativas “têm enfrentado as dificuldades da crise econômica com os seus meios, unindo forças, e não às custas de outros.”

No Brasil, em 2016, a mensagem cooperativista chegou às casas de milhões de telespectadores que acompanharam a novela *Velho Chico*. Na trama, o protagonista Santo (interpretado por Domingos Montagner) foi eleito presidente de uma cooperativa de pequenos produtores agrícolas que enfrentava os desmandos de um coronel. Quando Santo desapareceu, seu filho Miguel (Gabriel Leone) passou a liderar a cooperativa, enfatizando o desenvolvimento sustentável. “Você concorda em continuar produzindo do jeito convencional? Jogando veneno na terra? No rio? Extraindo o resto de vida do solo?”, questionava em cena.

12

A



"[Nos próximos anos] haverá volatilidade e cooperativas são melhores em gerir riscos do que o setor privado. Nós deveríamos aprender de cooperativas. Se o fizermos, podemos remodelar nossa economia, reprogramar a globalização e quem nós e nossos filhos somos."

Joseph Stiglitz, Prêmio Nobel de Economia

Além de estar na pauta do dia, o cooperativismo tem mostrado sua popularidade com o interesse crescente de personalidades, empresas e entidades do terceiro setor, que cada vez mais buscam se associar ao que as cooperativas defendem: comércio justo, desenvolvimento econômico com responsabilidade social e sustentabilidade. A atriz Emma Watson, embaixadora da boa vontade das

Organizações das Nações Unidas (ONU) costuma ir a eventos de gala com vestidos feitos por marcas “eticamente responsáveis”. Ou seja, marcas que evitam promover sofrimento e desgaste no processo de fabricação de seus produtos, levando em consideração tanto recursos naturais quanto humanos. Uma de suas parceiras é a Zady, marca parceira de cooperativas que produzem tecidos na Índia e em fazendas de orgânicos nos Estados Unidos.

A Fundação Nobel — responsável pelos prêmios Nobel da Paz, de Química, Física, Medicina e Literatura — também contrata, desde 2015, duas cooperativas mineradoras colombianas para fazer suas medalhas: a Codmilla Cooperativa e a Cooperativa Agromineradora de Iquira. “É um reconhecimento do trabalho árduo, porém decente, que estamos fazendo em uma comunidade tradicional mineradora para garantir o sustento de nossas famílias e o desenvolvimento de nossas comunidades. Todos os dias arriscamos nossas vidas nas profundezas das montanhas; além disso, é um desafio viver em paz em um país com tantos conflitos”, afirmou Harbi Guerrero, membro da Codmilla, por ocasião do segundo ano de fabricação das medalhas do Nobel. Com a repercussão gerada pelo prêmio, ambas as mineradoras passaram a ser contratadas por marcas de joias eticamente responsáveis de todo o mundo.

Design cooperativo

No Brasil, no coração da Amazônia, uma cooperativa vinculada ao Sistema OCB chamou a atenção de alguns dos maiores designers de móveis brasileiros da atualidade. Desde o início de 2017, a Cooperativa

“Encorajo-vos a participar ativamente e generosamente na vida de todo o movimento cooperativo.”

Papa Francisco

Mista da Floresta Nacional dos Tapajós (Coomflona) tem recebido artistas brasileiros de renome internacional para sessões de capacitação e eventuais parcerias comerciais. Até março de 2019, pelo menos dez designers, como Leo Lattavo (Lattoog), Zanini de Zanini (Studio Zanini), Carlos Motta e Paulo Alves, terão feito a imersão de troca de conhecimentos com os cooperados. Os cursos são ministrados em parceria com o Instituto BVRio, uma ONG do setor ambiental.

Todos os 203 cooperados da Coomflona são moradores tradicionais da floresta ou indígenas. Eles fazem manejo florestal comunitário, com o foco principal no manejo madeireiro, e tiveram a ideia da parceria ao observar que em grandes centros brasileiros há interesse e demanda por produtos sustentáveis, tanto do ponto de vista ambiental quanto do social. Uma descoberta feita quase por acaso, quando os cooperados buscavam maneiras de aproveitar 100% da madeira extraída da floresta de forma sustentável.

A



Cooperados da Coomflona comemoram produção sustentável

De acordo com o analista ambiental da Coomflona, Angelo Ricardo Chaves, a primeira tentativa nesse sentido ocorreu com a abertura de uma loja de móveis produzidos com pedaços de madeira em formato natural. O estabelecimento foi aberto em Santarém (Pará) com recursos de um programa do governo federal para a geração de renda para as populações de unidades de conservação federal. As vendas, no entanto, não foram tão bem quanto o esperado.

“Vimos que em Santarém não havia vantagem em vender, pois o pessoal aqui não valorizava tanto o aspecto sustentável. A região tem muitos móveis feitos a partir de madeira ilegal ou com madeira não certificada, que são mais baratos justamente por não respeitarem a natureza”. A Coomflona, ao contrário, tem certificação FSC — sistema de garantia internacionalmente reconhecido, que identifica produtos madeireiros e não madeireiros originados do bom manejo florestal.

Ao perceberem que não tinham demanda local, os cooperados começaram a procurar parceiros na Região Sudeste, na qual acreditavam que os produtos com certificação

ambiental seriam mais valorizados. “Fomos buscar parcerias para desenvolver um projeto de promoção comercial. Não queríamos apenas compradores, mas pessoas que entendessem que a nossa madeira vem de uma comunidade tradicional, que é certificada, e cujo manejo preserva a floresta, zela por suas populações e gera benefícios socioambientais. Queríamos pessoas que entendessem todo o valor por trás desse trabalho”, explica Angelo.

Ao longo dessa busca, alguns cooperados participaram de uma oficina da BVRio. Lá, surgiu a ideia de levar designers para a cooperativa. O projeto Design & Madeira Sustentável foi formatado com o objetivo de levar esses profissionais para transmitirem seus conhecimentos sobre a criação de móveis para a região. Em muitos casos, desses encontros surgiram novas e produtivas parcerias comerciais.

Um outro olhar

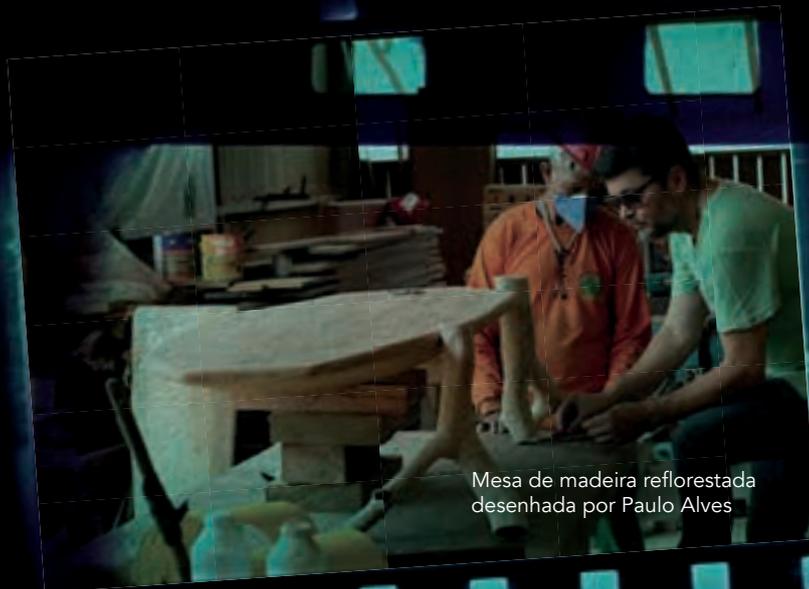
O designer paulista **Paulo Alves** esteve na Coomflona em junho de 2018 e desenvolveu peças como mesa de jantar, mesinhas e bancos utilizando galhos e pranchas costaneiras — primeiras pranchas a serem retiradas quando se fatia uma tora. Esses materiais são geralmente descartados, por serem irregulares e de difícil aproveitamento em produções convencionais. “A ideia era provocá-los e mostrar possibilidades.



Quería que olhassem para a madeira e imaginassem como seria possível criar uma cama, uma cadeira. Ao final da minha estadia, um dos madeireiros me falou: ‘Nunca mais vou conseguir olhar para um galho sem pensar em tudo que dá pra fazer a partir dele’. Isso para mim é o mais interessante”, recorda o designer.

Ainda segundo Paulo Alves, mais do que simplesmente criar uma dinâmica em que a cooperativa forneça mão de obra, o projeto busca capacitá-la a produzir suas próprias peças de design.

Ângelo, analista ambiental da Coomflona, confirma que o principal objetivo é promover “o empoderamento da comunidade por meio da sua história de lutas, de decisão e de território”. Animado, ele conta como foram os primeiros resultados da parceria com Paulo Alves: “Ele acabou desenhando um projeto sofisticado para a gente desenvolver; fizemos um protótipo e fomos a São Paulo para



Mesa de madeira reflorestada
desenhada por Paulo Alves

A Coomflona desenvolve móveis apenas sob encomenda. Para saber mais, procure por Comflona na internet, ou mande um e-mail para comflona@hotmail.com

O consumo consciente ou sustentável envolve a busca por produtos ou serviços social e ecologicamente corretos. Ele é caracterizado por quatro dimensões: consciência ecológica; economia de recursos; reciclagem; e planejamento do consumo para evitar quaisquer tipos de desperdício.

visitá-lo e acompanhá-lo numa feira de design. Ele nos disse que estamos preparados para competir no mercado nacional, para estar com grandes designers. Foi legal ver que o nosso trabalho não tem sido em vão e que estamos oferecendo o que pessoas que têm consciência ambiental estão buscando.”

Marketing social

O pesquisador de marketing e cooperativismo Rumening Abrantes, professor da Universidade Federal do Tocantins, considera que, ao divulgar ações que naturalmente já adotam, as cooperativas acabam por melhorar sua imagem perante a sociedade. Em paralelo, conseguem agregar valor aos seus produtos.

“O sétimo princípio do cooperativismo, o interesse pela comunidade, é um tipo de marketing social. Então algo que as cooperativas já fazem como obrigação, como princípio, pode fazer com que elas sejam vistas com outros olhos”, explica.

Essa é a aposta da **Coomflona: focar no consumo consciente** como uma tendência que os consumidores mais atentos já têm buscado.

Além das sessões de capacitação, o projeto Design & Madeira Sustentável prevê a participação em feiras de negócios, a realização de uma exposição em 2019 e a produção comercial de algumas peças. Carlos Motta, o primeiro designer a visitar a Coomflona já colocou no mercado uma linha de 12 bowls e 3 modelos de bancos produzidos na Coomflona.

A cooperativa trabalha, agora, na implementação de uma serraria para proporcionar melhores tratamentos e finalização às peças e para aumentar a escala de produção. Atualmente, desenvolvem-se apenas peças sob encomenda; designers, hotéis e construtoras são seus principais clientes.

Negócios criativos

A popularidade do cooperativismo pode ser vista também no maior interesse de setores pouco convencionais pela filosofia cooperativista. Nos Estados Unidos, têm surgido, nos últimos anos, cooperativas de escritores em que autores de ficção, jornalistas e redatores se unem para discutir formas de publicação, modelos de trabalho e gestão de direitos autorais.

Na Cooperativa de Escritores do Nordeste do Pacífico, por exemplo, os cooperados promovem sessões de capacitação em escrita, marketing e autopublicação. Eles também organizam encontros semanais e fazem revisões e leituras críticas dos trabalhos uns dos outros, como forma de aprimorar sua redação. A sede fica em Everett, no estado de Washington, mas há cooperados de outras localidades, já que grande parte dos cursos e reuniões é transmitida *online*. No Brasil, já começam a haver cooperativas de escritores no Paraná e em São Paulo. Os objetivos são parecidos com os da cooperativa norte-americana, além de viabilizar a impressão gráfica de livros. Por aqui, quanto mais exemplares

se imprime, mais baixo fica o custo de impressão — o que é importante para autores independentes.

Portugal também é um bom exemplo de artistas que se unem em cooperativas para implantar soluções inovadoras para questões específicas da classe artística. A cooperativa GDA (Gestão dos Direitos dos Artistas), fundada em 1995, atualmente faz a gestão de direitos autorais de mais de 4 mil músicos, bailarinos e atores no país. A cooperativa cuida não só dos aspectos legais e contábeis dos associados, mas também promove gestão democrática e cria modelos que atendem aos cooperados. No início de 2018, por exemplo, a GDA lançou uma plataforma tecnológica digital para contabilizar as execuções de músicas portuguesas em 45 países. A promessa é reduzir para nove meses o prazo de pagamento de direitos autorais que geralmente, levavam dois anos para chegarem à conta dos artistas.

Em 2010, a cooperativa lançou a Fundação GDA, uma entidade que promove cursos, exposições e prêmios no país, sempre com finalidade artística e social, estimulando a formação de público e a valorização da música e das artes cênicas no país europeu.

De acordo com o professor Rumening Abrantes, há uma tendência de aproximação entre o cooperativismo e empreendimentos criativos nos últimos anos, principalmente em países europeus e nos Estados Unidos. Isso se nota, especialmente, na organização de “cidades criativas” que são cidades, ou até mesmo bairros, que exploram seu potencial cultural para alavancar a economia. “As cidades criativas são aquelas que desenvolvem seus meios artísticos, culturais e de lazer para se tornarem atrativas aos olhos de novas populações e novos consumidores. Com isso, atraem mais pessoas e geram mais recursos e renda. Cooperativas de trabalho, como organizações de artesãos, e cooperativas de pequenos agricultores têm participado dessas iniciativas e se beneficiado”, explica.

A



Tem COOP também nas novelas

Ainda segundo ele, no Brasil o conceito vem começando a ser explorado em cidades que realizam eventos culturais anuais, criando um fluxo estável de turistas. Mas falta investimento. “É preciso que os governos municipais, estaduais e federal dialoguem para alavancar essas iniciativas e para incluir cooperativas nessas atividades de turismo e lazer”, defende.

Essa seria mais uma forma de aproximar o cooperativismo dos brasileiros e mostrar que ele já é pop — inovador, criativo, com boa imagem e reputação, e dinâmico.

Velho Chico – Na trama da Rede Globo de 2016, a cooperativa era o centro das disputas entre o coronel Saruê (Antônio Fagundes) e um grupo de pequenos agricultores liderados por Santo (Domingo Montagner). Enquanto o primeiro buscava lucrar às custas da exploração dos produtores e dos recursos naturais da cidade fictícia de Grotas de São Francisco, os produtores se uniram para promover o comércio justo e a sustentabilidade.

Mulheres de Areia – Esse clássico de 1993 mostrou principalmente a disputa entre as gêmeas Ruth e Raquel (vividas por Glória Pires), mas quem assistiu deve se lembrar também do núcleo de pescadores explorados por Donato (Paulo Goulart). Dono da maioria dos barcos da região, ele cobrava até pelo óleo usado nas embarcações, manipulando pescadores para não lhes repassar seus devidos ganhos. Os pescadores associaram-se e a experiência inspirou a criação de cooperativas na vida real, entre os pescadores de Itanhaém (SP), onde a novela foi gravada.

Agora é que são elas – O mote da novela de 2003 foi a independência feminina conquistada, em parte, por meio de uma cooperativa. Tudo começa a partir da insatisfação dos moradores da cidade fictícia de São Francisco das Formigas com seu prefeito incompetente. Lideradas por Léo (Débora Falabella), as mulheres unem-se em uma cooperativa de trabalhadoras para mover a economia local. Enquanto os homens passaram a cuidar das atividades domésticas, elas garantiam a movimentação da cidade e o sustento financeiro das famílias.

Outro Ano Novo

POR ROBERTO RODRIGUES

Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Presidente do Lide Agronegócio.

Vai terminando 2018, deixando um rescaldo surpreendente em função do resultado das eleições de outubro. E vai chegando outro ano com grandes novidades pela frente.

Começará, é claro, com um novo Presidente da República escolhido pelo povo brasileiro como o símbolo das mudanças desejadas pela maioria. Ele governará para todos os brasileiros, independentemente do partido, da cor ou das preferências particulares de cada um de nós. Somos, felizmente, uma nação democrática e, justamente por isso, o desejo da maioria deve ser respeitado. Agora, em nome dessa democracia e para o bem do país, devemos torcer para que Jair Bolsonaro faça um bom governo. Cabe à equipe dele a árdua missão de tirar o Brasil da mais grave recessão dos últimos 20 anos.

O novo presidente é mais conservador, e não esconde isso. Ganhou o pleito com promessas de segurança jurídica, equilíbrio fiscal, estímulos ao desenvolvimento com justiça e rigor na de-

fesa dos direitos de todos. E, até o momento, acredito que esteja montando um Ministério de boa qualidade e comprometido com as causas anunciadas. Para governar, ele precisará também da parceria com o Congresso Nacional, que passou por alterações ainda mais profundas.

Houve uma renovação de 51,1% na Câmara dos Deputados, com os partidos tradicionais (PSDB, MDB, PP, DEM) perdendo cadeiras e o pequeno partido do futuro Presidente, o PSL, elegendo 52 Deputados Federais (em 2014 havia eleito apenas 1!) e se constituindo na segunda maior bancada, atrás apenas do PT com 56 eleitos (perdeu 5 Cadeiras). No Senado, dos dois terços de postos em disputa, a renovação foi de incríveis 85%.

Vai ter muita gente aprendendo/fazendo a legislar: 269 Deputados estarão cumprindo seu primeiro mandato na Câmara Federal. O perfil do novo Parlamento é mais conservador em relação aos valores, a idade média dos eleitos é de 49 anos (sendo que 28 tem menos de 30 anos e a mais velha é Luisa Erundina, com 83 anos) e 77 são



mulheres (15% da composição). Mais de 89% dos Deputados eleitos têm nível superior, sendo na maioria profissionais liberais.

Mas as bancadas informais continuarão a ter papel de destaque no Legislativo, e entre elas a Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA) e a Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop). Felizmente! No caso da FPA, houve uma redução do número de parlamentares de seu "núcleo duro", aqueles que votam sempre a favor de assuntos de interesse legítimo do Agronegócio. Muitos dos mais firmes defensores do setor não foram reeleitos. Em compensação, a futura Ministra da Agricultura será Tereza Cristina, que atualmente preside a FPA. E Onix Lorenzoni, convidado para chefiar a Casa Civil, também é egresso da Frente.

Portanto, pode-se dizer que houve um fortalecimento do peso político do Agronegócio na relação Executivo/Legislativo no novo Governo, o que está sintonizado com os discursos do Presidente e do Vice-Presidente eleitos, ambos sempre muito enfáticos em seu apoio ao campo. No Cooperativismo o cenário se repete.

Por isso tudo estamos confiantes num Feliz Ano Novo, que desejamos com alegria a todos os brasileiros de bem.



JUNTOS, *somos muito mais fortes*

A INTERCOOPERAÇÃO TEM FEITO A DIFERENÇA NOS RESULTADOS DE DIVERSAS COOPERATIVAS. EXEMPLOS CONCRETOS SERVEM DE INSPIRAÇÃO PARA QUE UM NÚMERO CADA VEZ MAIOR DE PARCERIAS SEJA CELEBRADO

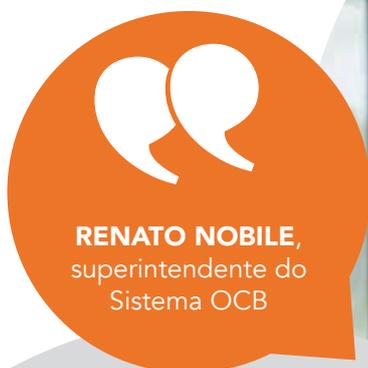
Kelly Ikuma

No cooperativismo ninguém fica para trás. Por isso, em vez de apenas celebrar o fato de que sete em cada dez cooperativas brasileiras já firmaram acordos de intercooperação para crescer de maneira mais rápida e sustentável, o Sistema OCB está pensando estratégias para elevar ainda mais esse número

nos próximos anos. Afinal, a intercooperação é um dos princípios centrais do nosso movimento e traz benefícios perceptíveis para quem a ele adere (veja quadro).

O primeiro passo dado pela Casa do Cooperativismo nesse sentido foi a realização de uma pesquisa com 268 cooperativas de 11 ramos do cooperativismo, em nove estados brasileiros. O objetivo do

estudo — realizado em parceria com a Confederação das Cooperativas Alemãs (DGRV) — era entender como a intercooperação acontecia na prática no Brasil. “Percebemos que gastávamos muito tempo falando da teoria e das vantagens da intercooperação, mas não da prática dessa atividade”, explica o superintendente do Sistema OCB, Renato Nobile. “A partir desse estudo



RENATO NOBILE,
superintendente do
Sistema OCB



“Na teoria, 99% das cooperativas acham a intercooperação importante ou muito importante para o sucesso de seus negócios. Só que na hora de colocar essa ideia em prática, o projeto às vezes não consegue sair do papel.”

entendemos quais são os ganhos reais da intercooperação, na visão das cooperativas, e quais são os desafios enfrentados por elas no processo de assinatura desses acordos”, complementa.

Como cada ramo do cooperativismo tem suas particularidades, nesse primeiro momento os pesquisadores identificaram os desafios e os resultados concretos da intercooperação no ramo agropecuário. Com isso, foi possível descobrir que o principal obstáculo à intercooperação, no Brasil, é a falta de agilidade para a tomada de

decisões dessa natureza. “Na teoria, 99% das cooperativas acham a intercooperação importante ou muito importante para o sucesso de seus negócios. Só que na hora de colocar essa ideia em prática elas esbarram na burocracia interna e, por isso, acabam deixando a assinatura de parcerias em segundo plano”, lamenta Nobile.

Quem viveu essa dificuldade na prática (e superou) foi a Cooperativa Mista Agropecuária de Patos de Minas (Coopatos) — vencedora da edição 2018 do Prêmio SomosCoop Melhores do Ano na categoria Intercooperação. Os gestores do empreendimento lideraram um acordo que criou uma Central Única de Compras para sete cooperativas da região, beneficiando diretamente cerca de 10 mil cooperados (veja matéria da página 65). José Francelino Dias, presidente da Coopatos, admite que o começo da negociação foi complicado. Havia

certa desconfiança de algumas cooperativas, mas, com muita conversa e colocando o bem do cooperativismo em primeiro lugar, o acordo foi assinado.

“A intercooperação veio para multiplicar nossa força, nossa capacidade de ação”, explica Dias. “A Central Única de Compras trouxe benefícios para quem mais importa: o cooperado. É nele que nossas cooperativas estão pensando, todos os dias”, afirma.

Os bons resultados obtidos pelo projeto — que movimentava cerca de R\$ 870 milhões por ano — estão atraindo novos interessados para a Central de Compras. “Notamos que as cooperativas que ainda não estão dentro do nosso grupo de compras estão querendo entrar no projeto. E posso afirmar com certeza: quem está de fora só tem a perder”, garante o presidente da Coopatos.

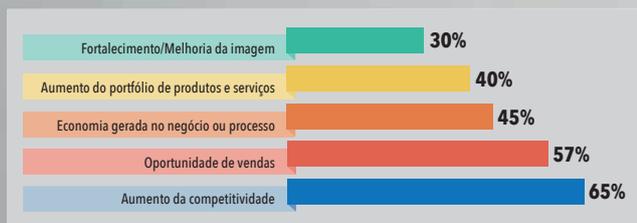
Mensuração de resultados

Outro desafio importante da intercooperação no ramo agropecuário é mensurar, de forma precisa, os resultados financeiros dessa prática no Brasil. “Ainda temos um percentual muito baixo de cooperativas em condições de avaliar e medir, em números, o retorno financeiro desse tipo de parceria”, constata Renato Nobile.

Para se ter ideia, quatro em cada dez cooperativas agropecuárias que possuem acordos de intercooperação não têm um acompanhamento contábil capaz de precisar o impacto dessas parcerias no faturamento da empresa. A falta dos dados concretos — como o percentual do aumento das receitas obtidas com esse tipo de acordo — prejudica a conscientização dos gestores cooperativistas sobre a importância desses acordos para a sustentabilidade

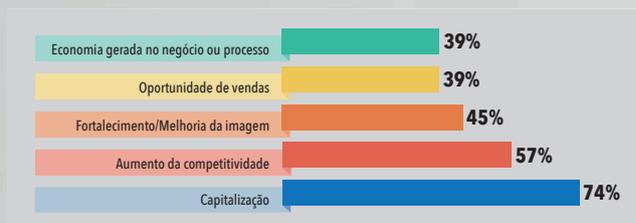
Quais são os principais resultados da intercooperação

PARCERIAS COMERCIAIS



Fonte: Sistema OCB

PARCERIA FINANCEIRA



financeira do negócio. “Os ganhos operacionais e de imagem são inegáveis e muito conhecidos, mas precisamos também de cifras e resultados contábeis. Eles são os mais adequados para mobilizar as cooperativas que ainda não aderiram à intercooperação”, pondera o superintendente. Quem já conseguiu superar com louvor a dificuldade de medir resultados foi a Federação das Cooperativas Agropecuárias de Santa Catarina (Fecoagro) — segunda colocada do Prêmio SomosCoop Melhores do Ano, na categoria Intercooperação.

“Como nossa central de compras é completamente automatizada, não temos problema com a coleta dos dados”, comemora Claudio Post, presidente da Fecoagro. “Hoje, todas as cooperativas compartilham seus pedidos dentro de um mesmo sistema para conseguirmos comprar em escala e negociar melhores preços. Por isso conseguimos saber exatamente o retorno financeiro

desse acordo para as 11 envolvidas: R\$ 24,6 milhões em economia, somente em 2017.” Post recorda que a assinatura do acordo de intercooperação Fecoagro só foi possível após uma série de reuniões e alinhamentos entre todos os dirigentes envolvidos no projeto. “A prática da intercooperação depende de confiança. E confiança conquista-se com muito diálogo”, explica.

Abrindo caminhos

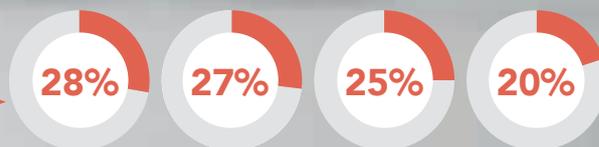
Consciente dos muitos benefícios da intercooperação, o Sistema OCB estuda maneiras de facilitar a concretização desses acordos no Brasil. “Em nossa pesquisa, identificamos as áreas de maior interesse para nossas associadas no ramo agropecuário. Os dirigentes entrevistados podiam escolher mais de um setor e demonstraram o desejo de firmar acordos comerciais (64%), na área industrial (57%) e de logística (50%)”, explica Clara. O próximo passo será encontrar maneiras de

abrir espaços de negociação entre cooperativas para facilitar e viabilizar a assinatura de acordos.

Outro projeto da Casa do Cooperativismo, ainda sem previsão de lançamento, é a produção de um compêndio com as melhores práticas intercooperativas do Brasil. A publicação será disponibilizada para todas as cooperativas em formato digital. Assim, elas poderão inspirar-se nas experiências de quem já vive, na prática, as melhorias trazidas pela intercooperação.

Para completar, em 2018, a Casa do Cooperativismo realizou um evento específico sobre o tema, intitulado Intercooperação: compartilhamento de soluções tecnológicas. “Nossa ideia é criar oportunidades como essa, focada na troca de informações, para que as cooperativas enxerguem o que é possível fazer e como cada um de nós pode contribuir com o crescimento da intercooperação entre diversos ramos”, arremata o superintendente.

FATORES PARA O SUCESSO DE UM ACORDO DE INTERCOOPERAÇÃO



Vontade política Estrutura financeira Confiança Abertura para negociação

PARCERIA INDUSTRIALIZAÇÃO



Outros

- Ambiente comercial
- Indicadores de desempenho
- Relacionamento
- Conhecimento sobre atuação de outros ramos

Fonte: Sistema OCB



PRÊMIO SOMOSCOOP

*revela a transformação
social pelo cooperativismo*

NÚMERO DE PROJETOS INSCRITOS AUMENTOU 25% NESTE ANO.
CARIMBO SOMOSCOOP FOI LANÇADO NA CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO.



Juliana César Nunes

Diversidade, força e união. A 11ª edição do Prêmio SomosCoop — Melhores do Ano celebrou o trabalho das cooperativas brasileiras com o reconhecimento dos melhores projetos do ano em sete categorias de ação. A entrega dos prêmios, realizada pelo Sistema OCB, ocorreu na noite de 30 de outubro, no auditório da Associação Médica de Brasília, com direito a torcida organizada e chuva de papel picado.

Representantes dos 21 projetos finalistas participaram da cerimônia em clima de festa, expectativa e troca de experiências. Eles trouxeram histórias de sucesso e compromisso com práticas inovadoras alinhadas às sete categorias do prêmio: Comunicação e Difusão do Cooperativismo; Cooperativa Cidadã; Cooperjovem; Desenvolvimento Sustentável; Fidelização; Inovação e Tecnologia; e Intercooperação.

A edição de 2018 do Prêmio SomosCoop teve 437 projetos inscritos por 267 cooperativas de todo o Brasil — um aumento de 25% no número de inscrições. O acréscimo foi muito destacado pelos dirigentes do Sistema OCB, para quem o envolvimento das cooperativas nessa iniciativa mostra que o movimento está no caminho certo. “Todos nós, cooperativistas, estamos juntos num mesmo propósito: transformar o mundo em um lugar mais justo, feliz, equilibrado e com oportunidade para todos e todas”, elogiou o presidente do Sistema OCB, Márcio Lopes de Freitas.

Em seu discurso de abertura, o presidente agradeceu especialmente às 20 unidades estaduais do Sistema OCB presentes na cerimônia, por contribuírem para envolver cada vez mais cooperativas na premiação. “As cooperativas estão fazendo um belo trabalho para construir um Brasil melhor. Cada uma do seu jeito. Cada cooperativa brasileira é merecedora de reconhecimento”, destacou o presidente.



Assista aos vídeos das vencedoras do Prêmio SomosCoop — Melhores do Ano e inspire-se! Quem sabe em 2020 sua cooperativa não estará participando da cerimônia de premiação, em Brasília?



"As cooperativas estão fazendo um belo trabalho para construir um Brasil melhor. Cada uma do seu jeito. Cada cooperativa brasileira é merecedora de reconhecimento"

Márcio Lopes de Freitas, presidente do Sistema OCB,



SERVIÇO:

Aderir ao Carimbo SomosCoop é muito simples: basta que as cooperativas devidamente registradas e regulares acessem o site do movimento SomosCoop e baixem o manual de aplicação para conhecer todas as informações a respeito do uso do carimbo. Em caso de dúvidas, o interessado pode encaminhar e-mails para contato@somos.coop.br.

Marca de valor

Durante a cerimônia de entrega do Prêmio SomosCoop, o Sistema OCB também lançou o Carimbo SomosCoop. As cooperativas devidamente cadastradas já podem usá-lo em seus produtos e serviços. O objetivo é agregar valor à produção cooperativista, reconhecida mundialmente por zelar pela sustentabilidade, pelo cuidado com a comunidade e pelo respeito a cada trabalhador envolvido em sua cadeia produtiva. O Carimbo SomosCoop indica também a existência de uma rede de trabalho que envolve muitas pessoas, conectadas por uma forma de atuação solidária, consciente, social e ambientalmente responsável. Atualmente, o Brasil possui quase sete mil cooperativas brasileiras que produzem de grãos a energia elétrica limpa, além de oferecerem serviços variados em treze ramos da economia, que incluem saúde, educação, turismo, crédito e muito mais.

Conheça os vencedores de cada categoria



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Colégio CEM (Cooperativa Educacional Magna)
- Projeto vencedor: Minicidade cooperativista
- Ramo: Educação
- Estado: Concórdia, SC
- Beneficiados diretos: 500 alunos dos ensinos infantil, fundamental e médio



Imagine uma cidade construída no interior de uma escola! Com prefeitura, mercado, banco, uma cooperativa e tudo o que uma comunidade deve ter. Essa minicidade existe dentro do Colégio CEM (Cooperativa Educacional Magna), fundado por 36 professores da região.

O projeto teve início em maio de 2007, com o objetivo de fazer os alunos experimentarem na prática a vida em comunidade. Para tanto, criou-se uma pequena cidade com polos de vivência em áreas como cultura, política, finanças e comércio. Lá, os quase 500 alunos da instituição são estimulados a aplicar os princípios da cidadania e da cooperação em atividades que envolvem todas as disciplinas curriculares. O projeto deu tão certo que virou referência nacional em metodologia psicopedagógica.

A presidente da cooperativa, Elizeth Pelegrini, conta que o projeto permitiu maior integração entre associados, estudantes e comunidade escolar, com

excelentes resultados. “Nós temos a oportunidade de vivenciar todos os dias o cooperativismo na nossa instituição”, relata Pelegrini. “Os alunos podem colocar em prática o que aprendem em sala de aula e aplicar isso ao longo da vida. O potencial de difusão do cooperativismo é enorme.”

Em 2018, uma das iniciativas do projeto do Colégio CEM foi envolver os estudantes do ensino infantil ao ensino médio na vivência do processo eleitoral. Eles puderam participar de uma campanha interna para eleger quem seriam os responsáveis pela administração da cidade. As instalações e as atividades curriculares foram adequadas para que as iniciativas dos pequenos gestores pudessem sair do papel, guiadas por valores do cooperativismo como criatividade e consciência crítica.



COOPERATIVA
CIDADÃ

FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Unimed Brusque
- Projeto vencedor: Viver bem na escola
- Ramo: Saúde
- Estado: Brusque, SC
- Beneficiados diretos: 650 estudantes do 5º ano ao Ensino Médio da escola Francisco de Araújo Brusque



Iniciativas aparentemente simples são, sim, capazes de mudar a vida de muita gente. Prova disso é o projeto Viver Bem na Escola, da cooperativa Unimed Brusque, também de Santa Catarina, vencedora do Prêmio SomosCoop 2018 na categoria Cooperativa Cidadã.

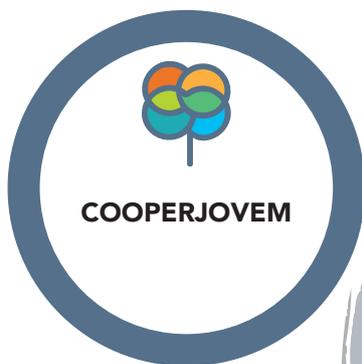
O objetivo do projeto era promover a conscientização de 650 estudantes do 5º ano ao Ensino Médio da escola Francisco de Araújo Brusque, na área de saúde sexual e reprodutiva. A comunidade escolar participou de palestras e oficinas sobre gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis (DST). Além disso, a Unimed Brusque ofereceu consultas médicas e ginecológicas gratuitas para as alunas da escola e elaborou apostilas na linguagem dos jovens estudantes. Resultado? Em apenas dois anos, a iniciativa conseguiu reduzir em 80% o número de adolescentes grávidas na escola.

“Já estamos pensando em ampliar o projeto para outras escolas porque percebemos o impacto positivo que ele tem na vida e no futuro das adolescentes.

É uma iniciativa que dialoga com o nosso negócio, ou seja, com a promoção de saúde”, comemora Camile Bruns, coordenadora de Responsabilidade Social da Unimed Brusque.

Um dos segredos do sucesso do programa é a multiplicação de conhecimento entre as próprias alunas. Após aprenderem sobre métodos contraceptivos e DST, elas passam esse conhecimento para as amigas de outras turmas. Tudo de um jeito muito simples e fácil de entender, para garantir a adesão do maior número possível de meninas.

E a Unimed Brusque tem novos desafios em vista. De acordo com Camille, a partir de 2019 a cooperativa pretende intensificar o projeto com o público masculino. A prevenção ainda é erroneamente considerada uma tarefa apenas das meninas, que são culpabilizadas em caso de gravidez. Um dos desafios da equipe da Unimed Brusque é ampliar a metodologia de ação e o diálogo para promover a saúde sexual e a responsabilização dos meninos na prevenção da gravidez.



COOPERJOVEM



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Sicoob Creditapiranga
- Projeto vencedor: Programa Cooperjovem
- Ramo: Crédito
- Estado: Santa Catarina, nos municípios de Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis.
- Beneficiados diretos: 1,5 mil alunos do Ensino Fundamental de nove escolas parceiras.

A mais nova categoria do Prêmio SomosCoop reconhece o engajamento de jovens alunos com o cooperativismo em suas escolas. O objetivo é premiar os melhores projetos relacionados ao programa Cooperjovem, cuja metodologia foi sistematizada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop).

O desafio principal do projeto campeão era vencer as dificuldades de convivência entre os quase 1,5 mil alunos do ensino fundamental de nove escolas parceiras. A equipe responsável pelo Cooperjovem na região percebeu que muitos estudantes demonstravam falta de tolerância e de respeito mútuo. Por isso, capacitaram e incentivaram 160 professores a adotarem práticas pedagógicas e a cultura da cooperação em atividades que envolveram leitura e escrita.

Novos espaços físicos e revisão de metodologias pedagógicas também foram fundamentais para o sucesso do projeto. “Queremos aplicar um novo

olhar na educação brasileira. Acreditamos verdadeiramente que a única ferramenta de transformação do mundo é a educação. E esse projeto não teria sido realizado se não fosse o empenho das escolas parceiras, que precisam ser valorizadas”, destacou Gilvane Kern, gerente de Comunicação e Marketing e coordenador do programa Cooperjovem no Sicoob Creditapiranga.

A diretora da Escola de Educação Básica Cristo Rei, do município de São João do Oeste (SC), Andrea Hackenhaar, explica que o Programa Cooperjovem trouxe um novo rumo com novos significados para sua escola. “O cooperativismo nos desafiou a ir além do que éramos, a repensarmos a nossa prática. O programa não veio tomar o lugar de ninguém, veio somar. Quando juntamos nossas forças, somamos as potencialidades; todos tendem a ganhar juntos.”



**DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL**



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Cooperativa de Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Auto Promoção (Coonap)
- Projeto vencedor: Dessalinizador Solar de Baixo Custo
- Ramo: Trabalho
- Estado: Campina Grande, Paraíba
- Beneficiados diretos: 37 famílias de agricultores familiares

A força das parcerias também está presente nos projetos que concorreram ao Prêmio SomosCoop na categoria Desenvolvimento Sustentável. O cuidado com o meio ambiente é um princípio cada dia mais cultivado pelo movimento cooperativista, até como um diferencial em relação a outros modelos de negócio. E a inovação nessa área veio de uma cooperativa da Paraíba, vencedora nessa categoria.

A Cooperativa de Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Autopromoção (Coonap) criou um dessalinizador solar de baixo custo que levou água para cerca de 150 pessoas. Trinta e sete famílias de agricultores familiares da região do

semiárido da Paraíba passaram a ter água potável para atividades cotidianas. Além de melhorar a segurança hídrica, a iniciativa proporcionou vários benefícios socioeconômicos e ambientais.

“Tivemos a participação ativa dos nossos 25 cooperados e um apoio essencial da Universidade Estadual da Paraíba, que trouxe a tecnologia de dessalinização e a adaptou à realidade dos assentamentos”, conta Jonas Marques, presidente da Coonap-PB. “É uma tecnologia de baixo custo e muita efetividade. Contribui principalmente para a autonomia dos agricultores familiares. Mostra que podemos fazer acontecer por nós mesmos.”



FIDELIZAÇÃO



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Languiru
- Projeto vencedor: Inclusão social e produtiva no campo
- Ramo: Agropecuário
- Estado: Teutônia, RS
- Beneficiados diretos: 1.004 cooperados

A satisfação é uma forma de manter os cooperados nas organizações, e foi avaliada nos projetos inscritos na categoria Fidelização do Prêmio SomosCoop. O projeto campeão dessa categoria é da cooperativa Languiru, em Teutônia (RS). A iniciativa tem como foco os 1.004 cooperados da área de pecuária leiteira, que enfrentavam dificuldades para garantir renda mensal suficiente para manterem suas atividades no campo.

Disposta a gerar renda e alegria para esses produtores, a diretoria da Languiru disponibilizou assistência técnica especializada para que eles pudessem melhorar a produtividade de suas propriedades. Além disso, novas frentes de negócio foram desenvolvidas a partir de um sistema integrado, envolvendo a produção de mais de 400 produtos, entre frutas, legumes, frangos e suínos.

Com isso, quem antes vivia exclusivamente da pecuária, com dificuldades, passou a ter novas fontes de receita dentro de sua propriedade. E todo mundo saiu ganhando.

O projeto da Languiru contribuiu para o uso sustentável das propriedades agropecuárias e para intensificar a fixação dos jovens de famílias cooperadas no campo. E isso é muito importante, especialmente se considerarmos que 86% da população da cidade estão ligados de alguma maneira à Languiru e a outras cooperativas. "A economia da nossa região depende do cooperativismo", destaca Dirceu Bayer, diretor da cooperativa. "Diversificar o modelo de negócio é uma forma de também desenvolver o nosso município e a região. Assim, agregamos valor à nossa cadeia produtiva e inovamos no campo."



INOVAÇÃO E TECNOLOGIA



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Sicoob Credigerais
- Projeto vencedor: Incluindo vidas pela educação criativa
- Ramo: Crédito
- Estado: Paracatu, MG
- Beneficiados diretos: 38 estudantes e sete professores

Usar tecnologia de ponta para tirar crianças e adolescentes de situações de vulnerabilidade social: esse é o objetivo central do projeto vencedor da categoria Inovação e Tecnologia do Prêmio SomosCoop, desenvolvido pelo Sicoob Credigerais.

Desde abril de 2017, a cooperativa desenvolve o projeto Incluindo vidas pela educação criativa, que leva o que há de mais inovador para a sala de aula: impressoras 3D, robótica, drones e aplicativos de gamificação (disputa virtual de conhecimento). Com isso, consegue atrair crianças de baixa renda e em risco social para a escola, desenvolvendo neles a autoestima e o amor pelo conhecimento. O projeto conta com a parceria da

Universidade Federal de Goiás e do Instituto Federal do Triângulo Mineiro.

Cerca de 40 estudantes e sete professores participaram da primeira etapa de ações na cidade de Paracatu. Entre os resultados das atividades estão o aumento no rendimento escolar, a compreensão dos valores do cooperativismo e a melhora no relacionamento familiar.

“Para nós, o mais importante de todo o investimento nessa ação é aquele aluno da periferia, em situação de risco, que encontra a oportunidade de vislumbrar um futuro por meio da inovação, da tecnologia. Essa é a nossa maior gratificação”, enfatizou o presidente do Sicoob Credigerais, Darcy Neiva Filho.



INTERCOOPERAÇÃO



FICHA TÉCNICA

- Cooperativa: Coopatos
- Projeto vencedor: Consórcio Cooperativo
- Ramo: Agropecuário
- Estado: 50 municípios de Minas Gerais
- Beneficiados diretos: 10 mil cooperados

A 11ª edição do Prêmio SomosCoop — Melhores do Ano terminou com o anúncio do projeto vencedor na categoria Intercooperação. A Coopatos, de Patos de Minas, uniu forças com outras seis cooperativas que atuam em 50 municípios nos segmentos de café, leite e serviços. São elas:

- Cooperativa Central Mineira de Laticínios (Cemil);
- Coopa;
- Cooperativa Agropecuária do Vale do Paracatu (Coopervap);
- Comadi;
- Cooperativa Agropecuária do Carmo do Paranaíba (Carpec); e
- Cooperativa do Produtores Rurais de Abaeté e Região (Cooperabaeté).

Cerca de 10 mil cooperados passaram a contar com uma central única de compras. Em quatro anos, essa central movimentou aproximadamente R\$ 870 milhões com aquisições e contratações em áreas como transporte e logística, medicamentos, nutrição animal e ferragens.

“Com a central, conseguimos melhorar a negociação de preços e prazos. A união das cooperativas rendeu economia e mais recursos para os cooperados”, conta José Francelino Dias, presidente da Coopatos. “Estamos vivendo um momento único e especial do cooperativismo brasileiro. Esse é o meu sentimento e certamente o de todas as cooperativas que participaram desse prêmio”.

O Brasil somos nós

Por Kléber Sales



O MAIOR CLIENTE DO BRASIL PODE SER SEU

CHEGOU
O PORTAL
COOPERATIVAS
NAS COMPRAS
PÚBLICAS

A chance que faltava para sua cooperativa entrar no mercado governamental, que movimentava R\$ 500 bilhões por ano.



VAI DEIXAR PASSAR?

Acesse, saiba mais e cadastre-se.

somoscoop



www.somoscooperativismo.coop.br/compraspublicas

 **SistemaOCB**
CNCOOP-OCB-SESCOOP

Carimbo SomosCoop

A forma mais fácil para
uma escolha consciente.



A partir de agora, produtos e serviços das cooperativas brasileiras serão identificados com o carimbo SomosCoop. Juntos, vamos fortalecer o movimento cooperativista no Brasil e reforçar a importância do consumo consciente.

VEM COM A GENTE
somos.coop.br



somos COOP